

ITU

PRESENCAS ILUSTRES

Volume 3

ACADEMIA ITUANA DE LETRAS
ACADIL

As emoções e saudades carinhosamente guardadas no recôndito dos lares podem, agora, ser repartidas com a vida da Cidade.

“Itu: presenças ilustres”, edição da Academia Ituana de Letras, já em seu terceiro volume, continua homenageando as pessoas que, com o exemplo de suas vidas, deixaram traços memoráveis.

São lembranças, são fatos e fotos, são frases, são até causos, que compoem o repertório dos mais íntimos, só eram conhecidos por alguns privilegiados. Entretanto, os Acadêmicos deram-se conta desse cristalino manancial e abriram comportas, que hoje alimentam o lazer literário de seus leitores com as afetuosas biografias apresentadas.

Os contatos com as famílias são o ponto alto desse atraente projeto da ACADIL.

Constituem momentos em que se revivem personalidades e surgem insuspeitados valores, agora possíveis de serem apreciados.

Mais uma vez descortinamos uma plêiade de notáveis carinhosamente escolhidos. Mais uma vez contamos com a gentil e generosa acolhida da empresa Starrett do Brasil, para entregar aos nossos perseverantes leitores esta amarável pesquisa sobre inegáveis valores da cidadania. Mais uma vez confirmamos o nosso desejo de receber manifestações das famílias que se interessem em participar da próxima edição, pois o volume IV de “Itu: presenças ilustres” já está em elaboração.

E, ainda mais uma vez, agradecemos à Cidade de Itu pelo sempre presente carinho às produções da Academia Ituana de Letras.

Deo gratias!

**Acadêmica Maria Angela
Pimentel Mangeon Elias**

Presidente

ACADIL - ACADEMIA ITUANA DE LETRAS

ITU

PRESENCAS ILUSTRES

Volume 3

1ª Edição/2015



A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL SÓ É PERMITIDA MEDIANTE
AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA ACADIL

ITU: PRESENCAS ILUSTRES - VOLUME 3
ACADIL - ACADEMIA ITUANA DE LETRAS
PUBLICAÇÃO: FOXTABLET LTDA - ME

CAPA: JAIR DE OLIVEIRA

FICHA CATALOGRÁFICA:

Itu : presenças ilustres, volume 3 / ACADIL -
Academia Ituana de Letras . -- 1. ed. -- Salto,
SP : FoxTablet, 2015.

1. Itu (SP) - Descrição 2. Itu (SP) - História
3. Itu (SP) - História social 4. Itu (SP) - Usos e
costumes I. ACADIL - Academia Ituana de Letras.

15-04744

CDD-981.611

Índices para catálogo sistemático:

1. Itu : São Paulo : História 981.611

ISBN 978-85-66799-06-4



FoxTablet | A editora hipermídia

Produção de livros, revistas, jornais, eBooks e eMagazines

(11) 3413-3998 | contato@foxtablet.com.br | www.foxtablet.com.br



Nosso Apoio

Nem só a monumentos e patrimônios se resumem os tesouros de uma cidade. A riqueza de um povo, na verdade, está no seu próprio povo. Nas pessoas que constroem a história e as estórias que passam de geração para geração e, desprezenciosamente, dão forma à cultura, à identidade e aos valores de uma cidade. Pessoas estas a que, merecidamente, hoje atribuímos o título de ilustre.

Mas, afinal, o que é ser ilustre? É ser brilhante, célebre, eminente? Aos nossos olhos, ilustre é uma virtude que dicionário nenhum pode definir. Pois um título deste implica atitude, inspiração, proeza, enfim, tudo o que os homenageados deste livro, certamente, têm de sobra.

Aliás, é ilustre também a iniciativa da Academia Ituana de Letras, que há mais de vinte anos tem permitido, através de publicações como esta, que a história e as estórias de muitas pessoas a quem temos o dever de considerar ilustres sejam perpetuadas, enriquecendo a memória de nossa estimada cidade.

E já que estamos falando do que é nobre, não podemos deixar de registrar o quanto nós, da Starrett Brasil, nos sentimos honrados por poder fazer parte deste momento que enriquece a história literária de Itu. Contribuir com a preservação dos tesouros desta cidade da qual somos parte é demonstrar a ela, de alguma forma, um pouco da nossa gratidão.

Boa Leitura!

Salvador de Camargo Júnior - Presidente da Starrett Brasil



Apresentação

Este Volume 3 de “Itu: presenças ilustres”, mais um fruto de árvore venturosa, apresenta-se como resultado da florescência de encontros amigáveis, nos quais se revelam tesouros zelosamente guardados em preciosos relicários. São narrativas que os Acadêmicos recolhem das famílias de pessoas que, em Itu, viveram e deixaram iluminado exemplo.

Durante meses, os Acadêmicos dedicam-se a pesquisar e a se encantar com o resultado deste prazeroso mister: descobrir as preciosidades escondidas em arcas, gavetas e memórias familiares.

Em seguida, surge o trabalho de filigrana da Comissão de Publicação do livro, trabalho realizado por verdadeiras estrelas da Constelação ACADIL, que recebem os textos para formatação, revisão, editoração e publicação.

Importante ressaltar o júbilo, o contentamento de todos, nas reuniões da Academia, pela notícia da chegada de cada texto. Sim, pois cada biografia de “Itu: presenças ilustres” representa uma vitória do seu objetivo: homenagear pessoas queridas que, no seu caminhar, foram deixando sinais indelévels de seu modo de ser, dos seus princípios, de sua personalidade.

Aos prezados leitores, os Acadêmicos da Academia Ituana de Letras entregam o resultado de seu esmero e dedicação.

Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Presidente
Cadeira nº 17



Ilustre mosaico

Eles estão em toda parte. No trajeto que fazemos de carro para pagar nossas contas ou fazer compras, na caminhada matinal, nas placas de docerias, nos bancos das Igrejas, nas farmácias e na volta para a casa, quando repetimos, infinitas vezes, o caminho que nos conduz ao aconchego do lar e da família. Como seria insofista e sem sentido o mundo sem eles, cujos nomes, de certo modo, nos norteiam sem que percebamos. A quem me refiro?

Estou falando de pessoas ilustres – nomes simples ou pomposos, de origem abastada ou humilde, cada qual contribuinte com tijolinhos de trabalho e conhecimento para a construção de nossa rica história. Seus nomes estampam placas, dão nomes às ruas, às avenidas; transformaram-se em sinônimo de instituições de ensino e prédios públicos. E, nessa reflexão, podemos observar como é incrível o fato de vivermos nossas vidas alheios ao significado (e signifiante) dos nomes que dão sentido ao microcosmo em que estamos inseridos.

Daí a importância do trabalho que, há três anos, vem sendo realizado por nossos confrades e congreiras, que compartilham, acima de tudo, o amor pelas letras. E, assim sendo, é com muita alegria e especial satisfação que a Acadil - Academia Ituana de Letras - apresenta o terceiro volume do livro "Itu: Presenças Ilustres".

O novo volume traz 25 textos que homenageiam ituanos – de nascimento ou que escolheram nossa cidade como sua terra.

Cada um, a seu modo, tornou-se imortal em nossa memória e na vida de nossa cidade.

Imortais – não porque têm suas alcunhas cravadas ou gravadas em pedra; mas, sim, porque, sem que nos demos conta, tornaram-se memória viva, um pingo diferente de tinta que resulta num tom especial para nosso céu.

Obviamente, cada município possui suas personalidades. Mas Itu tem a honra de possuir uma profusão delas. Em dois volumes anteriores, nossos escritores, membros da Acadil, contaram, com lirismo e saudade, a história de algumas dessas personalidades. E, como não poderia deixar de ser, outros 25 nomes foram escolhidos para dar corpo a esta nova obra, a qual, esperamos, faça jus à sua função de ser contribuição para a preservação da história de nossa cidade, e, por que não, do nosso país.

Excelente leitura.

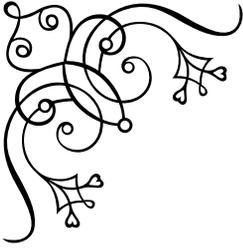
Acadêmico Paulo Stucchi
Cadeira nº 29





Sumário

Abílio Savi – <i>Ditinha Schanoski</i>	13
Amélio Sonsin - <i>Maria Lúcia A. M. Dias Caselli</i>	17
Antonio Guarnieri - <i>Denise Lícia Boni de Oliveira</i>	23
Araldo José Rodrigues - <i>Waldemar Alves Camargo</i>	31
Áurea Maria de Arruda Melo – <i>Maria Angela P. Mangeon Elias</i>	37
Camilo Ferrarini – <i>Ditinha Schanoski</i>	43
Constantino Ianni - <i>Plínio Bernardi Jr.</i>	47
Emílio Chierighini – <i>Maria de Lourdes Figueiredo Sioli</i>	53
Erich Brill – <i>Silvia Czapski</i>	59
Fiori Marcelo Amantéa – <i>Maria Aparecida Thomaz Alves</i>	67
Gildo Guarnieri – <i>Bernardo Campos</i>	75
Hans Victor Trostli – <i>Maria Célia Brunello Bombana</i>	81
Hélio Chierighini – <i>Maria Angela P. M. Elias</i>	87
José Vieira Novelli - <i>Luís Roberto de Francisco</i>	95
José Waldir Trettel – <i>Maria Lúcia A. M. Dias Caselli</i>	103
Louis Marins Amirat – <i>Allie Marie Dias de Queiroz</i>	109
Manolo Santoro – <i>Luís Roberto de Francisco</i>	115
Mansueto Santoro – <i>Luís Roberto de Francisco</i>	121
Maria Jacintha da Silva e Anna de São José – <i>Maria Angela P. M. Elias</i>	129
Mário Negro – <i>Ditinha Schanoski</i>	137
Olavo Silva Sousa - <i>Luís Roberto de Francisco</i>	141
Olga Benário Prestes - <i>Durce Gonçalves Sanches</i>	147
Otília de Paula Leite – <i>Luís Roberto de Francisco</i>	153
Pascásio Rettler - <i>Silvia Czapski</i>	161
Paulino Domingos Piotto – <i>Ditinha Schanoski</i>	169
Silvestre Pereira de Oliveira – <i>Leonor Z. Carpi</i>	175



Abílio Savi

Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19



Abílio Savi

Um “guarda-livros” diferente

Abílio Savi nasceu em Itu, na Fazenda Embaúva, aos 24 de outubro do ano de 1917. Filho de Alfredo Savi e Maria Cozini teve um único irmão, Plínio Savi.

Na sua mocidade trabalhou na Casa Prado e cursou o IBAO – Instituto Borges de Artes e Ofícios, formando-se “guarda-livros”, hoje contador. Trabalhou no Escritório de Contabilidade do Sr. Boni, vindo mais tarde a se tornar proprietário do Escritório “SS”, em sociedade com o Sr. Décio Salvadori. Posteriormente, formou sociedade com seu irmão Plínio Savi.

Casou-se em Itu, no dia 29 de junho de 1949, com Ana Maria Palermo Savi (dona Anita), com quem teve seis filhos. Toda a família aderiu à letra “A”, quer dizer, todos eles, inclusive os pais tiveram seus nomes próprios iniciados com a letra “A”.

- Adilson Savi – médico
- Airton Luís Savi – engenheiro
- Alvimar Savi – contador e professor
- Amélia Maria Savi – psicóloga
- Arlene Maria Savi – professora
- Antonio Carlos Savi – médico

Completa-se esta família com dez netos e seis bisnetos.

Se vivo fosse, o Sr. Abílio Savi estaria hoje (ano 2015), com 98

anos. Cidadão Emérito Ituano, Abílio Savi morreu aos 88 anos de idade, no dia 23 de julho do ano de 2006.

Ele foi vereador durante dez legislaturas e completou quarenta e um anos de vereança. Por esse motivo, recebeu, com todas as honras, o Título de Cidadão Emérito da Câmara.

No ano de 2002, Abílio recebeu a Medalha e Diploma Padre Bento Dias Pacheco, por sua dedicação à Causa, já que foi membro da Comissão Padre Bento desde a sua criação.

Teve um desempenho ativo nas diretorias da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), do Albergue Noturno, do Lar e Escola Santo Inácio, do Clube dos Comerciantes e da Corporação Musical União dos Artistas. Era um ferrenho conselheiro do Ituano Futebol Clube, assim como em tantas outras entidades no campo esportivo.

Sem dúvida, ainda hoje, fica uma lacuna deixada pela ausência do seu Abílio. A cidade enlutou-se!

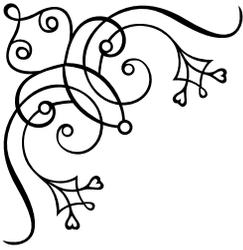
Nesta pequena biografia nos vem a lembrança do amigo querido, de saudade tanta. Viveu intensamente sua vocação!

Ganharam muito os que conviveram com este homem, simples de coração e que sabia ser amigo. Agradecemos pela vida que Deus lhe deu.

Que ele, onde quer que esteja, receba nossas preces.

*Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19*





Amélio Soncin

Acadêmica Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli
Cadeira nº 01



Amélio Soncin

O farmacêutico com p.h.

Certa vez, numa entrevista, perguntaram a Amélio Soncin desde quando exercia a profissão de farmacêutico. Ao que ele prontamente respondeu: “Desde quando farmácia se escrevia com ph.”

Natural da cidade de Capiravi, onde nasceu em 8 de maio de 1924, mudou-se para Salto aos dois anos de idade. Ali frequentou o primeiro grau na tradicional escola “Tancredo do Amaral”. Mas ali também, com apenas sete anos, já ajudava em farmácia, encantando-se desde menino com o manuseio dos numerosos vidrinhos e ajudando na arte de confeccionar remédios.

Mudando a família para São Paulo, os pais, Dante Sonsine e Eliza Zelba Sonsine não se adaptaram ao novo endereço, regressando logo para Salto. Na breve estada na Capital, Amélio empregou-se numa indústria de confecção de bonecas, onde trabalhou alguns meses. Com o apoio do saudoso político saltense Archimedes Lamoglia, em São Paulo preparava-se tecnicamente para o exercício da verdadeira vocação, frequentando um curso de farmácia e obtendo, mediante exame regulamentar, a provisão equivalente ao diploma de farmacêutico.

Em Salto, voltou a trabalhar em farmácia, desempenhando o ofício assistencial com imensa dedicação, embora fosse apenas um jovem de dezessete anos. Era então empregado da Farmácia

“Internacional”, de propriedade de José Vendramini e do Dr. Emílio Chierighini, conceituado médico. Sem medir esforços, assistiu aos operários da Fazenda “Brasital” por ocasião da epidemia de maleita que acometera a região naquele tempo.

Moço ainda, mas já casado com Dona Maria José Rodrigues Sonsin, surgiu a oportunidade de adquirir a Farmácia “Santa Terezinha”, em Itu, de propriedade do farmacêutico Felício Chierighini, no ano de 1944. Foi assim que o jovem auxiliar de farmácia, ou como outrora se chamava “oficial de farmácia”, passou a ser patrão, com imensa tristeza do antigo chefe, que nele tivera um cooperador de primeiríssima categoria.

E para a sorte dos ituanos, Amélio Soncin instalou-se na cidade, tornando-se desde logo conhecido pela conduta humanitária, paciente e amiga, acrescida de indiscutível competência. A clientela mais simples, frequentemente, o chamava de doutor, embora ele sempre aconselhasse a procurar primeiro o médico e depois a farmácia. Até porque, quem entende a letra do doutor? Somente o farmacêutico a quem pertence a prerrogativa de aviar a receita.

Integrando-se à sociedade local, Amélio Soncin foi um dos fundadores do “Ituano Clube” e do “Lyons Clube”, da Loja Maçônica “Regente Feijó III” de Itu, da sauna da Associação Atlética Ituana, sendo ainda Presidente da “Guarda-Mirim” e até suplente de Delegado de Polícia. São apenas exemplos das entidades com as quais colaborou. A aceitação pela comunidade ituana do profissional correto, ético, religioso e solidário, resultou na vontade de torná-lo conterrâneo. Foi assim que, pelo decreto legislativo nº 66, de 4 de junho de 1990, Amélio Soncin recebeu a cidadania ituana, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade.

Mas Amélio persistiu no desempenho de sua vocação até o final de seus dias. Vendida a Farmácia “Santa Terezinha” quando as forças esmoreceram para administrá-la a contento, o velho farmacêutico ainda ali comparecia diariamente, com o traje branco dos profissionais de saúde, caminhando com dificuldade, porém

atendendo aos que o procurassem, com o mesmo desvelo, com a palavra de conforto e a orientação correta.

No ocaso da existência, recebeu duas medalhas: a de “Solidariedade Ermelindo Maffei”, da Academia Ituana de Letras e a “Domingos Fernandes”, da Sociedade Amigos da Cidade de Itu (SACI).

Por ocasião da outorga da primeira, entregue com sua presença no Instituto “Regente Feijó” de Itu, em que tive a honra de ser oradora, expliquei o motivo da escolha, aliás, da primeira vez em que a distinção era entregue, com as seguintes palavras:

“O farmacêutico Amélio Soncin, em sua indisfarçável modestia, é caso especial de uma vida inteira dedicada aos necessitados, sem apelar para a condição econômica de quem quer que seja. Ali, na Farmácia “Santa Terezinha”, onde a prática da solidariedade é diuturna, observo pessoas ingressarem chorando e saírem sorrindo. É a prática do bem, é a menção da palavra boa que afasta a revolta, é a cura dos males do corpo muitas vezes causados pelos males da alma, é a indicação correta do procedimento, é o afago verbal, é o conforto, enfim é a doce paz do espírito. E o mais admirável, é que nosso estimado Amélio entende tudo como dever de ofício, esse atendimento humano e solidário realizado através de tantos anos, praticando-o como obrigação da qual alega jamais poder se esquivar.”

O subtítulo deste relato é “Um farmacêutico com p.h”, ao qual não seria demais acrescentar um “D” maiúsculo, pois o biografado foi realmente um farmacêutico p.h.D. Faleceu em 6 de maio de 2010, ocasião em que o advogado e cronista Valdemir Barsalini retratou-lhe as qualidades no seguinte abecedário:

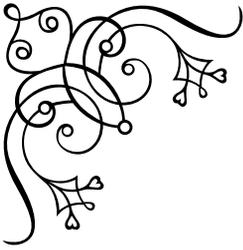
*“Procura-se
Amigo,
Bondoso,
Competente e confessor,
Dedicado e desprendido*

*Enfermeiro de corpos e de almas;
Feliz por felicitar.
Generoso,
Honrado, humilde e honesto.
Incapaz de magoar,
Justo,
Lhano ao tratar,
Modesto.
Negativo, jamais.
Onde chamado, presente.
Prestativo, como poucos.
Querido por todos,
Reverenciado.
Sábio nos conselhos,
Teimoso em só doar,
Um exemplo a se imitar.
Vida inteira aos necessitados;
Xamã, para muitos;
Zangado, nunca visto.*

*De preferência alguém que, como ele, AME(lio).
(Apresentar-se, urgente, na Farmácia Santa Terezinha, em Itu).
Extraído do livro “Quem mentiu? (Crônicas, contos e causos)”,
Valdemir Barsalini*

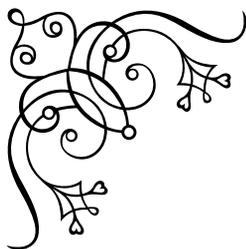
*Acadêmica Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli
Cadeira nº 01*





Antonio Guarneri

Acadêmica Denise Lícia Boni de Oliveira
Cadeira nº 03



Antonio Guarnieri

Trinta e duas coroas e arranjos de flores, respeitosa e silenciosamente, ornamentavam e decoravam a sala e os corredores onde centenas de pessoas pacientemente aguardavam a sua vez de dar o último abraço ao amigo Toninho Guarnieri. Na madrugada do dia 11 de janeiro de 2014, fora ele convocado pelo Criador, que sabe exatamente o dia e a hora, para fazer parte da seleção celestial dos homens de boa vontade.

Antonio era um empresário do ramo gráfico. As coroas e arranjos de flores ali recebidas e dispostas, não eram oferecidas por outros empresários locais ou fornecedores gráficos que aproveitam o espaço para uma publicidade. Eram oferecidas pelos incontáveis amigos que ele conquistou ao longo de sua admirável vida e por inúmeras associações das quais foi presidente, diretor ou simplesmente associado.

Contou-me um seu amigo, naquele dia e naquele espaço, entre muitos comentários sobre a vida do corintiano Toninho, que o que mais se falava e ouvia era que ali repousava não só um homem justo, mas, especialmente, um amigo conciliador, um homem humilde, uma pessoa especial: bondosa, amável e de um coração hospitaleiro. Um seu amigo e funcionário de sua gráfica assim expressou: “era um paizão”.

A cantora italiana Mafalda Minozzi nutria por Toninho, como ela o chamava, um carinho especial. No dia da sua morte,

Mafalda encontrava-se em uma turnê pela Itália. Mas na missa de sétimo dia, realizada na Igreja de São Luiz Gonzaga, a do quartel, esteve presente. Com a igreja lotada, a artista de renome internacional desejou ficar no anonimato durante a cerimônia, cantando no final da celebração, e de costas para assembleia, uma canção especial ao seu grande amigo Toninho. “Essa música foi uma conversa particular que eu tive com ele”, concluiu ela.

Antonio Guarnieri nasceu em 2 de agosto de 1945, filho de Gildo Guarnieri e de Lourdes Barbieri. Tinha como irmãos Gildo, Miguel, Agostinho, Terezinha, Catarina e Aparecida.

Em 1950, seu pai fundou a Indústria Gráfica Itu Ltda - Igil. Antonio, como os demais irmãos, desde menino já trabalhava na gráfica como tipógrafo. Teve uma educação familiar rígida. Com a mãe, dizia ele, aprendi a amar, enquanto com meu pai, aprendi os valores do trabalho e a honestidade.

Desde pequeno possuía o dom de agregar amigos. No fundo de sua casa existia um cômodo, cujo piso era de cimento liso, passado o tal de “vermelhão”. Lá reunia seus amigos e passavam as tardes jogando botão.

Durante a juventude, incentivado pelo amigo José Maria Bordini, Toninho entrou na Turma do Glória com o objetivo de arrumar uma namorada. A Turma do Glória era um grupo de jovens fundado no início dos anos 60 com direção espiritual de frades holandeses carmelitas. Além da participação nas missas do final de semana, o grupo se reunia para outras atividades, como brincadeiras dançantes, que, ao som dos discos de vinil, tocados na vitrola a válvulas, enchiam de som e alegria as tardes de domingo. De tantos jovens presentes, era praticamente impossível não encontrar uma namorada. Mas lá, Toninho não encontrou nenhuma.

Quis o destino que um acidente de trânsito promovesse o glorioso encontro dele com Maria Tereza, sua futura esposa. Seu irmão Agostinho, após um abalroamento com outro veículo, perdeu o controle do fusca que dirigia, avançou sobre a calçada, e colidiu,

sem muita gravidade, contra o muro de uma casa situada na Rua Santa Rita, onde residia uma jovem loira, de olhos claros. Toninho, ao socorrer seu irmão caçula, conheceu o amor de sua vida, dez anos mais jovem que ele.

Seu irmão Miguel, casado com Catarina, morava em frente à casa de Tereza e, era por meio deles, que Toninho mandava lembranças àquela jovem de olhos azuis, e enfatizava: “a de olhos azuis, viu”, para não confundir com a irmã de Maria Tereza. Começaram a namorar em 29 de agosto de 1974, e casaram-se em 16 de setembro de 1978.

Dois anos depois, nasce o primeiro filho – Giovanni – e depois nasce Graziani. Desde pequenos, como brincadeira, já exerciam pequenas e simples atividades na gráfica, como levar algum documento para um dos tios, ou manobrar o carrinho que transportava o papel, e que, vazio e com um pouco de imaginação, convertia-se imediatamente em patinete para os dois irmãos.

Após a morte de seu pai, Gildo, e de seu irmão mais velho, assume com os demais irmãos Miguel e Agostinho a direção da Gráfica IGIL, tornando-a uma das maiores gráficas do Estado de São Paulo, com maquinário importado, que ele próprio fora adquirir na Alemanha.

Toninho tinha, além de Maria Tereza, duas outras paixões: o Corinthians e a Itália. A primeira, o Corinthians, fora uma provocação ao pai, pois este era rígido e palmeirense. Seu tio Antonio, funcionário maquinista da então Estrada de Ferro Sorocabana, casado com a irmã de Dona Lourdes, e conhecido como Mexirica, era corintiano. Não tendo filhos, adorava o menino Toninho e levava-o frequentemente a passear de trem. Esse amor tornou-se recíproco, e Toninho um corintiano.

A segunda, a Itália, aflorou depois que seu pai faleceu. Foi um apaixonado pela cultura italiana e grande valorizador dessa. Fazia cursos e lições de italiano, todas as segundas-feiras, em sua casa, juntamente com um grupo de amigos. A paixão pela Itália era

gravada de forma indelével na vida do italianíssimo Toninho: seu celular tinha como toque de chamada o Hino Nacional Italiano. Um nosso amigo em comum, Sr. Zavatti, italiano de Forlì, disse certa vez que Antonio era mais italiano que muitos italianos: “era ele um italiano vero”.

Por mais de 14 anos, foi o dedicado presidente da Associação Italiana Dante Alighieri, com sede própria, localizada à Rua Floriano Peixoto 1303, centro de Itu. Foi por sua iniciativa a reforma do prédio, com a construção de novos banheiros e uma belíssima cozinha, tornando o Circolo um lugar perfeito para jantares dançantes entre amigos.

Todas as últimas sextas-feiras do mês, reunia os incontáveis amigos nos bailes e jantares dançantes que promovia na Associação Italiana. Arrumava, pessoalmente, as mesas, escrevia e colocava sobre estas os nomes dos convidados. Durante o baile, não deixava de passar alguns minutos, sentado junto a cada mesa, com os presentes, irradiando sempre sua alegria e pureza.

Toninho e Maria Tereza desfrutaram de um grande e abrangente círculo de amigos, desde autoridades civis e militares, até de gente simples como o senhor Valdir funcionário da Associação Italiana e seu Tico, porteiro e guarda carros da Associação. Diplomata por natureza, trazia para si a responsabilidade de solucionar os eventuais conflitos, o que sempre fazia com prazer e com extrema tranquilidade.

Nas mais diversas viagens à Europa, sempre que passava pela Itália, ficava hospedado em casa de amigos italianos. Em Itu, sua casa estava sempre cheia com os irmãos e muitos amigos. Ninguém saía sem degustar os deliciosos doces ou salgados que Maria Tereza preparava e, antes de deixar a casa, era sagrado tomar com Toninho um cálice de “Fernette Branca”. Tanto era querido, que a porta e uma das laterais da geladeira de sua casa eram forradas de convites para casamentos, aniversários, batizados, formaturas e outros eventos, todos presos por imãs de geladeira.

Detentor de um bom humor apuradíssimo, sempre extraia do momento presente, ou circunstância, algo cômico, fazendo sorrir os que estavam ao seu lado. Nas viagens e excursões de que participava era sempre o mais engraçado e brincalhão. Tinha sempre uma piada nova.

Escrevia muito bem e tinha uma facilidade incrível em brincar com as letras. Amante das novidades tecnológicas, e por ter sido tipógrafo, detinha uma enorme habilidade em manusear o teclado do celular para envio de mensagens SMS, comunicando aos amigos, de forma detalhada, o que estava fazendo, comendo ou bebendo. Para com os amigos mais próximos, não havia hora – às vezes, até mesmo de madrugada – para o envio de uma mensagem ou uma nova piada via SMS.

Antonio era um amante da vida. Passou por oito intervenções cirúrgicas no coração, sofreu dois AVC, sendo que um deles o deixou cego de um olho. De estatura média, rosto redondo, voz macia e andar tranquilo, nunca se ouviu dele uma reclamação da vida.

Giovani e Graziani, que nutrem uma grande admiração pelo pai, ocupam hoje cargos diretivos na gráfica e desenvolvem atividades na igreja – encontros de casais, de noivos e em várias entidades assistenciais.

Toninho e Maria Tereza caminharam juntos por uma longa estrada, durante trinta e seis anos. Enfrentaram subidas e descidas, e apoiaram-se mutuamente nas curvas. Nas retas, sabiam apreciar a paisagem. Viajaram e conheceram o mundo.

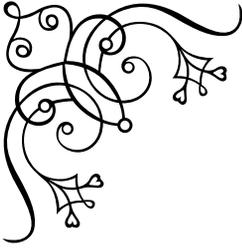
Esta biografia contém um pequeno aceno de quem foi Antonio Guarnieri. Se fôssemos relatar todos os feitos e as influências que, silenciosamente, Toninho exerceu sobre a sociedade ituana, bem como os testemunhos dos incontáveis amigos que Toninho conquistou durante a vida, seria necessário um livro inteiro a ele dedicado.

Toninho agora não pertence mais só a Maria Tereza e aos seus filhos. Não pertence mais só a seus amigos. Tampouco pertence à Associação Italiana Dante Alighieri e à cidade de Itu. Toninho

agora pertence à humanidade, ao seletto grupo dos heróis do nosso cotidiano. Pertence às estrelas e ao céu.

Acadêmica Denise Lícia Boni de Oliveira
Cadeira nº 03





Araldo José Rodrigues

Acadêmico Waldemar Alves Camargo
Cadeira nº 09



Araldo José Rodrigues

Araldo José Rodrigues nasceu na vizinha cidade de Cabreúva em 28 de dezembro de 1936, filho de famílias cabreuvananas tradicionais que marcaram a história do desenvolvimento do Município. Seu pai, Araldo Rodrigues residiu muito tempo nessa cidade, conquistando um carinho especial do seu povo pelas brincadeiras que aprontava com os amigos e tornando-se uma pessoa do folclore da cidade. Sua mãe, Sra. Irene Motta Rodrigues, era da família Motta que chegou a Cabreúva em 1873, vindo da cidade de Taubaté junto com o Padre João Baptista da Motta, parente do seu pai.

O casal morava na Rua Rodrigues Alves, em Cabreúva, em frente ao antigo posto de gasolina (hoje Ciretran). O pai trabalhava no transporte dos funcionários do DER (Departamento de Estradas de Rodagem) e a mãe, como professora no município. Além de Araldo José, seus pais tiveram também Irene Maria e Tereza Maria, que também passaram a infância nessa cidade.

Araldo fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar da cidade, no prédio onde hoje está alocada a Prefeitura Municipal. Sempre conviveu com amigos mais velhos do que ele, mas sua preferência, eram os primos, dos quais, muitos moravam na cidade. Deslocava-se de Cabreúva para a cidade de Itu para fazer o curso ginásial no Instituto Regente Feijó viajando de ônibus e às vezes tendo que pousar nas casas de parentes em Itu, quando o ônibus não favorecia. A família acabou mudando a residência para cidade

de Itu para facilitar os estudos dos filhos. O pai tornou-se sócio da Cerâmica Ituana Ltda e Araldo passou a ajudá-lo na empresa, porém sem parar o estudo colegial no Instituto “Regente Feijó”.

Deixou a cidade de Itu para fazer o curso de Odontologia na Universidade de São Paulo, em São Paulo, onde permaneceu até concluir a faculdade. Formou-se no ano de 1960. Depois de formado, retornou a Itu com objetivo de trabalhar na profissão que escolheu. O seu primeiro consultório odontológico foi montado na Rua Garcia Moreno, próximo à Ottoni Editora.

Não ficou só no consultório, exerceu também a profissão de professor na área de Ciências no Instituto Regente Feijó, no período da noite. Foi nessa época que tive a oportunidade de conhecê-lo como seu aluno, pelos anos de 1962 ou 1963. Conheci um professor dedicado e preparado, que passava a matéria de uma forma bem suave, todos entediam e se admiravam das suas qualidades.

Em 7 de julho de 1962, casou-se com a Sra Creuza Chierighini Rodrigues, formada também em Odontologia e filha de família ilustre de Itu, com quem teve quatro filhos: Araldo Felício – médico; Humberto Francisco – Engenheiro Civil; Creuza Helena – médica; e Luiz Mauro – Contabilista.

Araldo montou sua própria clínica odontológica na Rua Santa Rita, onde junto com a esposa, atendia seus clientes.

Araldo teve uma vida atuante no município; participou da maçonaria, fez parte como diretor do Ituano Clube e também exerceu a função de Inspetor do Serviço Dentário Escolar.

Como frequentador do Clube Ituano, gostava de bailes e dançava muito bem alguns ritmos como bolero, samba, baião e samba canção. Desfilava na escola de samba “Gorilas” e participava do bloco de carnaval “vai quem quer”, vestido de mulher, pintado pela própria esposa e, com o uso das roupas da companheira; seus amigos o confundiam com a própria irmã, Teresinha, e com isso, ele divertia o público.

Araldo, com seu tipo alegre e comunicativo, herança do pai,

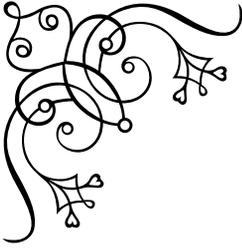
conquistou muitos amigos e foi convidado a participar da política pelo seu inseparável amigo Vereador Benedito Roque de Moraes. Foi eleito duas vezes vereador na cidade de Itu, a primeira na 8^o Legislatura de 1973 a 1976, onde exerceu a Presidência da Câmara no período de 1973 e 1974; e na 9^o Legislatura de 1977 a 1982 onde também foi Presidente da Câmara no período 1979 e 1980.

Araldo era cuidadoso com a saúde, não fumava e bebia socialmente; enfrentou a diabetes e a sua morte ocorreu de repente, na véspera do dia das mães, em 05 de maio de 1993, aos cinquenta e seis anos de idade, deixando à esposa Creuza a responsabilidade da criação, educação e formação dos filhos que eram muito jovens. A companheira concluiu essa tarefa com sucesso.

Agradeço a sua esposa pela colaboração dos dados do biografado.

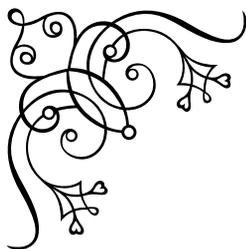
*Acadêmico Waldemar Alves Camargo
Cadeira n^o 09*





*Irmã Áurea Maria
de Arruda Melo*

Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17



Irmã Áurea Maria de Arruda Mello

Mais uma brilhante estrela da grandiosa constelação das Irmãs de São José de Chambéry nos deixou, para ir luzir na glória eterna, ocupando seu lugar na casa do Pai.

Irmã Áurea Maria faleceu no dia 25 de março de 2015, na Casa de Repouso São José. Em 14 de fevereiro tivera a alegria de celebrar, com as Irmãs e familiares, seus setenta anos de vida Religiosa.

Maria Natividade de Arruda Mello nasceu em Salto - SP, em 31 de agosto de 1922, filha do Sr. José de Arruda Mello e de D. Áurea Castanho de Arruda Mello. Na família eram dezenove filhos e, pelas deficiências na época, faleceram doze meninos e duas meninas, sobrevivendo três mulheres e dois homens, dos quais Irmã Áurea era a quarta em idade.

Uma de suas irmãs tornou-se Concepcionista, com o nome de Irmã Maria Cecília de São José. A irmã caçula, Maria José, casou-se com o Professor Mario Perugini e mora atualmente em Sorocaba. Foi Professora de Inglês durante muitos anos, em Colégios Estaduais e também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio.

Os pais de Irmã Áurea tiveram vida harmoniosa e coerente na educação dos filhos. Ao trabalhar com uma leiteria, o Sr. José de Arruda Mello exigia tudo na mais perfeita ordem e limpeza.

Menina alegre e criativa, Maria Natividade fez o Curso Primário no Grupo Escolar em Salto. De 1935 a 1941 cursou o Ginásio e Escola Normal (Magistério) no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu. Iniciou seu trabalho de Professora em 1942, em Salto.

Sua vocação religiosa nasceu da convivência com as Irmãs, no Patrocínio, alegrando seus pais com a decisão de ser Irmã de São José.

Em 8 de dezembro de 1942, Maria Natividade entrou para o Noviciado e recebeu o hábito em 6 de agosto de 1943, com o nome de sua mãe: Áurea Maria. Os Primeiros Votos foram no dia 6 de agosto de 1945 e a Profissão Perpétua, em 2 de fevereiro de 1949.

Esta a trajetória de Irmã Áurea Maria, cujo campo missionário sempre foi na área de educação. Ao longo de toda a sua vida religiosa, exerceu as funções de Professora, Coordenadora, Diretora, além de Auxiliar de Contabilidade e Tesoureira em vários Colégios das Irmãs de São José: Ponte Serrada e Ibicaré, em Santa Catarina; Piracicaba, Itu e Santos, em São Paulo.

Transferida para Itu em 15 de fevereiro de 1983 como Auxiliar de Irmã Anna de São José Camargo Barros na dedicação à Causa de Beatificação de Madre Maria Theodora Voiron, Irmã Áurea demonstrou seu zelo apostólico e sua docilidade às regras da Congregação, sempre sorridente, serena, verdadeiro exemplo da doutrina de Cristo.

Com o falecimento de Madre Anna de São José, a responsabilidade pelo processo da Causa de Beatificação de Madre Maria Theodora ficou totalmente a seu cargo. E com essa missão, trabalhou muitos anos, primando pelo gentil acolhimento aos inúmeros peregrinos que, em visita ao túmulo de Madre Theodora, vinham em busca de conforto e orientação.

A imensa correspondência da Causa era por ela mantida rigorosamente em dia, atendendo aos remetentes de vários Estado do Brasil e também de países do exterior.

Por sua bondade e delicadeza no trato, fez grandes amigos entre as pessoas que visitavam ou frequentavam o Patrocínio. Assim é que Rose Cardoso, do Paraná, ao saber de sua Ressurreição, mostrou seu carinho, solicitando a celebração de uma missa pela querida amiga.

Do amor de seus familiares, podemos ter ideia pelo depoimento de uma de suas sobrinhas: “Tia querida, você deixa saudade e essa saudade permanecerá para sempre em nossos corações! Lembro-me do orgulho da vovó Áurea e do vovô José ao falar sobre as filhas que eram freiras. Com razão esse orgulho, pois sempre foram muito atenciosas e dedicadas na Vida Religiosa e com todos os familiares. E quando Papai nos deu a notícia de que a senhora voltaria para o Colégio do Patrocínio, a alegria familiar foi imensa! Ficaria mais próxima, poderíamos visitá-la sempre. Maravilha! Assim começaram as nossas visitas aos domingos. Eu gostava imensamente de ir ao Colégio do Patrocínio para escutar a história da mangueira que já não dava mais mangas. E cada vez que ia visitá-la, a mangueira havia crescido um pouco. E lá está ela ainda hoje, frondosa! Retornei a Itu, já casada, levando minhas filhas Mariana e Viviane para que a senhora pudesse conhecê-las. Precisando de conselhos, ia visitá-la sozinha. Quando comecei a lecionar, fui partilhar com a senhora minha felicidade. A senhora me deu livros sobre Madre Theodora para que pudesse trabalhar com os alunos. E foi maravilhoso esse trabalho! Tenho certeza de que plantei sementinhas com valores, virtudes, de respeito e amor que, certamente brotaram e produziram bons frutos! E dediquei-me a isso com muito amor, pois sabia do fervor e empenho de minha Tia em tornar conhecida essa grande Mulher, Madre Maria Theodora Voiron”.

Também é digno de nota o testemunho da Ir. Maria Inês Coelho Rosa: “Infelizmente não pude ir ao velório da Irmã Áurea. Hoje

fiquei rezando a vida dela e o canto que me transportou para junto de Ir. Áurea Maria, já nos braços do Pai, que ela tanto amava.”

Foi este testemunho de Ir. Miria T. Kolling: “Guardei a minha lâmpada para Ti, Senhor! Foi Tua divina chama que a acendeu e fez arder meu coração no Teu amor! Por isso, sim, guardei a minha lâmpada para Ti, Senhor!”

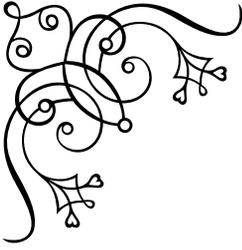
Em 2010, tendo a saúde fragilizada, foi transferida para a Casa de Repouso São José, em Taboão da Serra, para descanso e tratamento.

Edificante é recordar a figura de Irmã Áurea Maria deslizando, sorridente, pelos tradicionais corredores do Patrocínio, ou sentadinha em um banco da deslumbrante Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, em oração ou meditação. Deo Gratias!

À prezada Irmã Zilda Hilda Marino, Superiora da Comunidade do Patrocínio, pela esplêndida e generosa colaboração ao fornecer as imprescindíveis informações sobre a vida das queridas Irmãs de São José de Chambéry carinhosamente lembradas neste “Itu: presenças ilustres”, deixo o preito de agradecimento da Academia Ituana de Letras- ACADIL.

*Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17*





Monsenhor
Camilo Ferrarini

Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19



Monsenhor Camilo Ferrarini

Um homem de Deus

Monsenhor Camilo Ferrarini foi um apóstolo do seu tempo! Monsenhor Camilo Ferrarini bem merece esta biografia. Ele foi um sacerdote incansável, zeloso, sempre disponível, dedicando grande amor aos seus fieis.

Ele nasceu em Timbu Velho, Município de Campina Grande, Paraná, no dia 21 de julho de 1924, filho dos italianos: João Ferrarini e Maria Slompo Ferrarini. Na pia batismal, ele recebe o nome de Alberto Ferrarini. Recebeu sua ordenação sacerdotal em 12 de junho do ano de 1954, com o nome religioso de Camilo Ferrarini. Desde então, manteve toda sua fidelidade a esta tão digna e divina vocação.

Num depoimento do Monsenhor Camilo a familiares sobre sua chegada a Itu, consta: "Corria o ano de 1971, terminado o mandato na qualidade de Vigário Episcopal de Osasco (SP), assumiria uma paróquia em Avaré, porém, antes disso, resolve assistir à festa de Santa Rita, na cidade de Itu. O povo ituano encantou-se com o sorridente Monsenhor e assim, pouco tempo depois, ele foi sucessor do Padre Luiz Gonzaga de Melo Camargo, exercendo seu paróquiato na Matriz da Candelária do ano de 1971 até o ano de 1994 (vinte e três anos)."

Ao falar em Monsenhor Camilo Ferrarini, vem à mente a palavra "Pai". Seu apostolado, na cidade de Itu, se fez sentir de

modo atuante, trazendo, após si, um grande número de leigos que viam nele toda solicitude e a humildade de um grande pastor.

Durante toda sua vida procurava, com todos e em tudo, examinar os efeitos da santidade observando-a para imitá-la e transmiti-la ao próximo, através do exemplo. Alma pura: amava as crianças com que sempre trabalhava e pelas quais dedicou a vida.

Registra-se também uma ação belíssima. Monsenhor implantou na Matriz da Candelária a inesquecível missa das crianças, nas manhãs de domingo. Meninos e meninas aglomeravam -se para ficar junto do altar e a cada domingo aumentava ainda mais o número de crianças e pais.

A morte de Monsenhor Camilo, aos dois dias do mês de junho de 2003, causou uma lacuna de tristeza no povo ituano. Entregou sua alma a Deus, com setenta e nove anos. Se vivo fosse, teria completado neste ano de 2015, 91 anos.

Monsenhor Camilo já não está entre nós! Ele partiu para junto de Deus, ao qual serviu aqui na terra com todas as suas forças, durante toda sua vida.

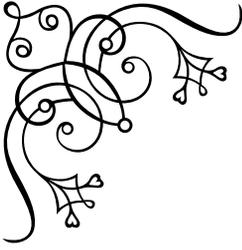
A Igreja Católica perdeu um valente capitão. Antes de tudo, perdeu um grande amigo, que lutou, como bem sabemos, com todos os meios que lhe eram possíveis, para uma justiça mais unida e fraterna.

Seu corpo foi velado na “sua” casa, isto é, na Matriz da Candelária, onde toda população ituana esteve presente para o último adeus.

Monsenhor Camilo estará sempre presente em nossas orações. Se de fato a saudade é a presença dos ausentes, Monsenhor Camilo continuará sempre conosco.

*Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19*





Constantino Fanni

Acadêmico Plínio Bernardi Júnior
Cadeira nº 07



Constantino Ianni

Um homem além de seu tempo

Nascido em 8 de agosto de 1913, em Itu, Constantino Ianni era filho de agricultores originários de Castellabate, Itália. Suas atividades ganharam grande destaque no campo jornalístico, acadêmico e econômico. Sua esposa, Cordelia Galvão, conta com orgulho e saudade a sua história.

Após a Segunda Guerra, Constantino foi estudar Economia na Universidade de Chapel Hill e depois na Universidade de Columbia, nos EUA, duas das mais conceituadas escolas de Economia do mundo. De volta ao Brasil, reinicia sua brilhante carreira de jornalista colaborando com a Folha da Manhã e Folha de São Paulo, onde escreve até 1968. Seus artigos com fortes opiniões sociais e econômicas foram traduzidos para diversas línguas. Constantino era lido em boa parte do mundo!

Na década de 50, com seu nome já consagrado em boletins econômicos internacionais e assinando colunas na Europa, Estados Unidos e América Latina, Constantino volta à Itália para desenvolver a investigação que ocupou lugar de destaque em toda a sua vida. O profundo e detalhado trabalho de pesquisa sobre a saga dos emigrantes italianos pelo mundo lhe rendeu material para a sua principal obra: "Homens Sem Paz", editado em Milão com o emblemático título "O Sangue do Imigrante". Seu grande destaque

na área econômica faz com que seja convidado para congressos, conferências e missões internacionais, incluindo regiões pouco visitadas por ocidentais nessa época, como a Rússia (1959) e o Oriente Médio (1966).

Sempre envolvido em assuntos de política e economia, com uma escrita perfeita e com claro viés acadêmico, Constantino foi assessor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, chefe de Departamento de Economia Política da Universidade de Taubaté, Redator Econômico Financeiro da Folha de São Paulo, Diretor do Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, diretor da Associação Latino Americana de Livre Comércio, ALALC, além de profícuo escritor, com vários livros publicados sobre economia.

Na academia, a paixão de Constantino Ianni pelos seus estudos fez com que ele fosse um homem a frente de seu tempo. O ituano ilustre envolveu-se profundamente com seu objeto de estudo, chegando a passar semanas em um navio de emigrantes em condições precárias para se aprofundar na etnografia de seu objeto de estudo.

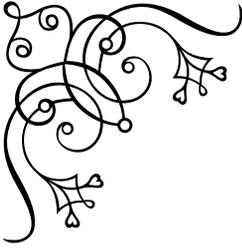
No jornalismo, os mais de duzentos artigos de Constantino Ianni e Jan Costa, seu pseudônimo na coluna “O Mundo em marcha” no grupo Folha, mostravam a sua consciência social e seu ponto de vista crítico sobre a sociedade da época. Com cinco línguas em seu repertório, Constantino conseguiu dar às suas obras um alcance impressionante para a época. Suas ideias e textos eram de tal qualidade que suscitavam debates nos mais diversos fóruns. Em artigo de 1957, por exemplo, ele colocava a educação e a necessidade de uma reforma política e eleitoral como principais problemas nacionais.

Constantino Ianni faleceu em 1977, logo após voltar de outra viagem de pesquisa à Itália e recebeu as seguintes palavras como homenagem de um amigo: “Constantino viveu serenamente e morreu tempestuosamente. Era um jornalista anticonformista e combatente. Um rebelde, um grande rebelde. Um homem de von-

tade, capaz de exprimir-se com maestria e de lutar para sustentar um ideal. Um amigo incomparável, um jornalista apaixonado e um incorrigível cidadão do mundo. Um hedonista, um visionário, no melhor sentido desses termos. Constantino Ianni era um jornalista sem paz, assim como seus imigrantes”. Issak Jardanovsky

Acadêmico Plínio Bernardi Júnior
Cadeira nº 07





*Doutor Emilio
Chierighini*

Acadêmica Maria de Lourdes Figueiredo Sioli
Cadeira nº 28



Doutor Emílio Chierighini

Um grande empreendedor

Na galeria de vultos ilustres de Itu, não poderia faltar um homem que se distinguiu como cidadão competente e empreendedor, que saudade deixou entre nós: Dr. Emílio Chierighini.

Tive pouco contato com ele, apesar de sermos quase vizinhos na Rua dos Andradas durante muitos anos. Lembro-me dele como um homem sério, simples, de voz suave e calma, sem pressa de concluir uma ideia ou diagnóstico mais preciso, que sempre tinha a palavra certa que sossegava a aflição numa doença, especialmente de um filho pequeno.

Dr. Emílio deixou um exemplo tão profundo de vida que permanece vivo até hoje nas lembranças daqueles que conviviam com ele. “Falar sobre vovô Emílio, é evocar as melhores lembranças da infância que uma criança pode ter. Lembro-me dele sempre com muita ternura, certamente porque foi o que recebi dele”, recorda com carinho a neta Paula.

Para nós, pacientes, os cuidados sempre atenciosos do profissional médico, entre a família, os laços afetivos sempre se faziam presentes. “São muitas as lembranças boas e deliciosas, avô carinhoso, presente, brincalhão e muito atento a todos e a tudo, principalmente aos netos”, como lembra a neta Ana Regina.

Para Cláudia, a simpatia italiana era uma das recordações,

“na minha infância tive uma convivência intensa, por sermos vizinhos. Família italiana, casa cheia, muita alegria. Meu avô tinha um consultório ao lado de casa. Quantas vezes, entre uma consulta e outra, eu entrava lá escondida para mexer nas suas coisas, como ele ficava bravo comigo!”

São as memórias da neta Maria Isabel que ajudam a desenhar a biografia do Dr. Emílio. Nascido em Capivari, interior de São Paulo, em abril de 1907, era o terceiro filho de numerosa prole de Augusto Chierighini e Anna Schincariol, imigrantes italianos. Cursando o último ano da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, casou-se com a ituana Hermínia Gazzola e tiveram três filhos: Hélio, Ennio e Emilce. A família cresceu, o casal teve doze netos e vinte e dois bisnetos.

Trabalhou inicialmente em Salto, vindo para Itu em 1947, onde exerceu a profissão de médico com grande êxito, até seu falecimento no verão de 1983.

A missão do médico sempre esteve acima de tudo, como detalha a neta Maria Isabel: “Dr. Emílio conhecia e entendia as dificuldades e agruras vividas pela maior parte da população ituana da época, principalmente os menos privilegiados. Não raro, pegava seu automóvel e por seus meios, se deslocava até sítios e fazendas de área rural, para atender a chamados de gente humilde, a qualquer hora do dia ou da noite, que de antemão já se sabia, que em sua maioria não lhes poderia pagar seus honorários. Nesses casos, ele não apenas dispensava o pagamento das consultas realizadas, como também se sentia bem com um simples “muito obrigado” do paciente.”

Não só a família, mas os amigos também confirmam que muitas vezes, especialmente nas madrugadas, Dr. Emílio saía de casa de pijama, em seu conhecido “Fusquinha”, para dar atendimento ao chamado de seus pacientes com urgências.

Tinha pendor natural pelo empreendedorismo, que o levou a fundar e construir, associado com seus dois filhos médicos, Hélio Chierighini e Ennio Chierighini, dois hospitais em Itu: “Hospital

Nossa Senhora Candelária” (1964) e anos mais tarde, o “Hospital Psiquiátrico Emilio Chierighini”.

Como conta a neta, sempre foi um homem de hábitos simples. Quando jovem gostava de tocar clarineta, um carinho especial pela vida no campo e verdadeira paixão pelas criações de animais.

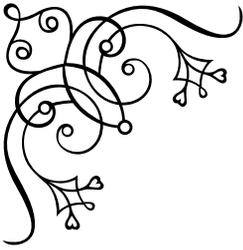
Para Dr. Emílio, a convivência familiar extremamente importante deixou marcas: “Nossa relação foi sempre cordial e eu, vinda de longe para fazer parte da sua família, sempre me senti acolhida e amada. Falar de pessoas especiais já se diz tudo: são especiais”, recorda com carinho a nora Maria Elisa.

Entre os netos, os carinhos também se transformaram em ensinamentos. “Escrevi na lápide do túmulo dele, parafraseando um pensador que muito admiro, que ‘o amor continua para além da vida e para além da morte. O amor é o único sentimento que dá continuidade à vida do homem’. Decorridos mais de trinta anos da partida, continuo a agradecer e a pedir bênçãos, por todos os seus ensinamentos, absolutamente permanentes, plantados em nossos corações”, registra Marília Coelho Chierighini Moraes.

Lembrar e deixar gravada a convivência com uma figura humana tão especial como foi Dr. Emílio, faz com que netos e amigos que relatam suas origens, formação profissional, os seus feitos, suas conquistas e derrotas, construam uma homenagem emocionante.

*Acadêmica Maria de Lourdes Figueiredo Sioli
Cadeira nº 28*





Erich Brill

Acadêmica Silvia Czapski
Cadeira nº 04



Erich Brill

Um rastro de luz e cor no interior paulista

Lá longe, na linha do horizonte, misturando-se às cores celestes, vemos o esbranquiçado de espumas que seguem em meio aos verdes da vegetação e marrons de rochas milenares. Em nossas pupilas, traduzem-se como correntes de água provenientes de pontos invisíveis aos nossos olhos, que se unem no meio da tela. Agora, azuis e amarelados tentam sobrepor-se, realçando a inquietude da correnteza em movimento incessante. Como se a força da água mole quisesse alargar ainda mais o duro leito do rio.

“Do rio que tudo arrasta, se diz que é violento. Mas ninguém chama de violentas as margens que o comprimem”, diz o ditado. As duas telas Salto de Itu, criadas pelo pintor e viajante Erich Brill nos idos de 1935, nos revelam esse nervosismo das águas frente às estáticas rochas, lá onde o rio tem sua maior cachoeira natural. São os únicos registros conhecidos da passagem desse importante artista na região.

Uma delas pertence ao Museu Republicano de Itu, por doação do casal Juljan e Alice Brill Czapski, filha única do pintor. A outra – onde o pintor acrescentou dois pescadores sobre as pedras – está reproduzida no Memorial da Cachoeira de Salto, junto a reproduções de obras de outros famosos, como Jean-Baptiste Debret (1829); Hercule Florence (1849) e José Ferraz de Almeida Júnior (1886).

Quem imaginaria a tragédia que Brill viveria pouco depois dessa viagem?

Primogênito dos quatro filhos de Sophie, professora e poliglota, e Wolf Brill, comerciante de madeiras judeu, Erich nasceu em 20 de setembro de 1895 em Lübeck, Alemanha. Logo se mudou com a família para a cidade portuária de Hamburgo. Lá, deveria se preparar para o negócio paterno. Mas Arte era sonho e vocação. Aceitou cursar Ciências Econômicas e Política, e trabalhar com Wolf por três anos, para então decidir.

Na universidade, conheceu Marte Leiser, judia, intelectual, sem posses. Paixão. Gravidez. Ele quis casar... desde que logo se separassem. Arte acima de tudo. Alice, a amada filha, nasceu em 1920. Divorciaram-se no ano seguinte, mantendo a amizade vida afora.

Com a forte crise econômica que afetou a derrotada Alemanha no pós-1ª Guerra Mundial (1914-1918), a firma familiar sucumbiu. Para suplementar a renda familiar, Sophie passou a alugar quartos da mansão. Erich sentiu-se livre para seguir seu sonho.

Em 1921 – ainda adotando “um Expressionismo moderado”, como definiria mais tarde a filha e também artista plástica Alice Brill –, Erich comemorou sua primeira coletiva no Museu de Hamburgo. E viveu uma temporada em Worspede, colônia de artistas perto de Bremen.

Viajar tornou-se premência. Paisagista e retratista, também escrevia e fotografava. Palestina foi o primeiro destino em 1922. Nove meses que o impactaram: “A atmosfera tão diferente do Oriente, a transparência do ar, a variedade infinita das cores na paisagem abriram novos caminhos para a minha criação... voltei a mim mesmo, sem deixar valer regra nenhuma além da intuição direta da natureza e do meu instinto inato da forma e da cor...” escreveu o artista no jornal Crônica Israelita.

Seguiram-se Positano (Itália) e de novo Palestina em 1924, ano em que inaugurou o atelier em Hamburgo. Paris em 1925; Da-

vos (Suíça) em 1926; Ascona (Itália) em 1927. França, Holanda e Suíça em 1928.

Nas palavras da ex-esposa Marte Brill, autora do romance *Der Schmelztigel* (inédito no Brasil) que usa pseudônimos para relatar a saga familiar: “Ele pintava com paixão embriagadora. A sorte lhe sorria. Os mecenas o mimavam e as mulheres o endeusavam. Logo seus quadros passaram a ser admirados nas melhores galerias da Europa.”

Então... a crise da Bolsa de Nova Iorque em 1929 gerou nova derrocada econômica na Alemanha, favorecendo a ascensão do nazismo. Aparentemente imune, Erich começava seu período “mais criativo e amadurecido” nos anos 1930, segundo a filha e biógrafa Alice Brill. Intercalava exposições em capitais europeias e Jerusalém, com retornos a Hamburgo, com “o fruto de seu trabalho para novas exposições” e a retomada de contatos com família, colecionadores, críticos, museus.

Em 30 de janeiro de 1933, Adolf Hitler foi empossado primeiro-ministro alemão pelo presidente Von Hindenburg. Os eventos que se seguiram, culminaram no regime de exceção e de perseguição aos judeus e outros grupos étnicos (como ciganos), ou portadores de doenças hereditárias. “O pânico campeava solto. Todos os conceitos transformaram-se nos seus opostos”, anotou Marte em *Der Schmelztigel*.

Marte deixou o país, com Alice, rumo à Espanha e depois Itália, enquanto o ex-marido foi para a casa do irmão, na Holanda. No início de 1934, ele abrigou a menina, enquanto ela arriscava a sorte no Brasil. Deu certo. Em troca de quadros, Erich obteve duas passagens de navio para trazer Alice. Foi sua última grande viagem.

Ancoraram no Rio de Janeiro em 24 de agosto de 1934. Extasiado com a visão da então capital federal, ele decidiu ficar com Alice numa pensão na Ilha de Paquetá, onde a menina teve a primeira experiência pictórica com o pai.

Bastaram dois meses para a primeira individual – paisagens brasileiras e obras trazidas de outras viagens – na galeria carioca Pró-Arte. Sucesso nos jornais, poucas vendas. “Os alemães não compravam porque ele era judeu, e os judeus evitavam a exposição porque estava sendo realizada no clube alemão. Então, do que um pintor vai viver?” perguntou Marte Brill em seu romance.

Em março de 1935, após o Carnaval, os dois chegaram a São Paulo. A menina foi morar com a mãe e ele alugou quarto no centro paulistano. Daí a dois meses, nova exposição na Galeria Martin: O pintor Erich Brill está em São Paulo, estampou o Diário da Noite.

Mas o ímpeto de viajante falava mais alto: “Repentinamente Erich trocou um quadro por um carro velho para viajar pelo interior do país. (...) Comeu em cidadezinhas e vilas que pontilhavam a imensidão daquele território (...). Entrava nas grandes fazendas e pintava os proprietários no estilo colonial, o café plantado na terra vermelha, crianças, cavalos e cães prediletos. (...) [Os fazendeiros] Recebiam o pintor itinerante com generosa hospitalidade e compravam seus quadros, que foram ficando, por toda parte do país (...) e assim o estrangeiro do país distante ia deixando para trás um rastro de luz e cor”, descreveu Marte em seu romance.

São dessa última viagem, em 1935, suas pinturas a óleo do Salto de Itu. Também há uma aquarela, em que Erich grafou “Piracicaba”.

Quantos mais terá feito o artista nesse percurso? Talvez muitos, pois trocava tudo por arte. Que casas os exibem, em Itu ou outros municípios interioranos? Difícil saber, dada a ausência de anotações. Será que uma campanha ajudaria a descobrir?

Sabemos apenas da tragédia após a aventura: “Um dia [Erich] surgiu de volta a São Paulo e declarou: ‘Ganhei o dinheiro para a passagem. Vou viajar para a Alemanha’”, descreve Der Schmelztigel, de Marte.

Não adiantaram os alertas dela ou da mãe Sophie, ainda em Hamburgo. Confiante, ele chegou à sua terra natal em 1937. Logo o

acusaram de manter relações com uma “ariana”, algo proibido para ele, “não ariano”. Condenado a cinco anos de prisão foi solto em 1941. Não conseguiu escapar.

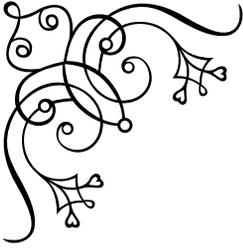
Em 1945, passada a 2ª Guerra Mundial, o esforço para encontrá-lo resultou na notícia: Erich fora fuzilado, em 26 de março de 1942, no campo de Concentração de Riga, Estônia.

Sophie e sua nora, Rita, não judia, salvaram-se na Holanda. Com elas, milagrosamente, um conjunto quadros que enviara para a filha única. Uma exposição póstuma em 1948 em São Paulo marcou a chegada das obras. Em 1996, a mostra “Erich Brill, Pintor e Viajante”, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, lembrou o centenário do pintor. Ambas, com curadoria de Alice Brill.

Hoje, além do romance de Marte Brill, que ganhou três edições na Alemanha, o rico catálogo desta última é a mais importante referência sobre o artista-viajante que pode ter outros retratos e paisagens feitos em 1935 decorando casas de Itu e região.

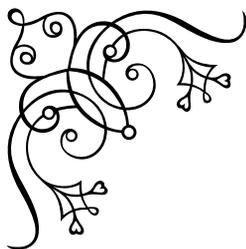
Acadêmica Silvia Czapski
Cadeira nº 04





Fiori Marcelo Amantéa

Acadêmica Maria Aparecida Thomaz Alves
Cadeira nº 08



Fiori Marcelo Amantéa

“Fora da caridade, não há salvação”

Era 1974, quando conheci aos poucos o Cel. Amantéa, trabalhava eu como secretária no Jornal Periscópio e todas as semanas, aquele senhor, falante e convicto de suas posições, vinha até a redação no Largo do Carmo, entregar sua matéria semanal. José Carlos Rodrigues de Arruda, diretor do jornal, concedia-lhe um espaço para que publicasse gratuitamente seus artigos sobre Doutrina Espírita, na época, pouco difundida e até mesmo hostilizada em Itu, cidade tradicionalmente católica.

O que eu ouvia daquele senhor, era para mim um assunto completamente desconhecido, mas já sentia a força com que ele expunha a Doutrina e sempre com tranquilidade, segurança, inspirando-me no mínimo, curiosidade. Demorei muito para iniciar as leituras dos livros de Alan Kardec, mas não tenho dúvida: foi aos dezenove anos, em 1974, que a semente começou a ser plantada em meu coração.

Cel. Fiori Amantéa nasceu em Taquaritinga, aos 16 de janeiro de 1908. Militar, foi transferido de Tupã, para o 2º Regimento de Obuses 105, o então quartel de Itu, em 1948, vindo com a esposa, Sra. Valéria Tabachi Amantéa e três de seus filhos, Ciro, Newton e Nelson (falecido), sendo que um deles, José do Carmo, viria mais tarde, por adoção. Segundo relatos de seu filho Ciro, ele dizia ter

sido alertado pelo seu “guia” que iria para uma “terra estranha”, (leia-se “estranha” no sentido de “diferente”). Este termo tinha a ver com a natureza nitidamente católica da cidade e isto ele só entendeu após a mudança.

Amantéa, no entanto, respeitava isto e nunca criticou nenhuma religião, mesmo tendo conhecimento de que não era bem visto por muitos, após fundar um Centro Espírita na cidade. Ele conheceu o Espiritismo no Rio de Janeiro, na Sociedade Espírita “Cabana de Antonio de Aquino” e percebeu que poderia, em Itu, pôr em prática sua ideia de fundar uma Instituição Espírita, como antes já havia feito de forma temporária em Tupã. Assim nasceu a “Cabaninha Antonio de Aquino”, dedicada ao desenvolvimento e prática da mediunidade psicográfica e assistência caridosa. Ainda nos relatos de seu filho Ciro, ele costumava dizer que “Religião não salva ninguém; se alguma coisa nos salva, são os atos que praticamos”.

Caridoso sempre, ele mantinha na Rua Santa Rita o Orfanato “Lar de Jesus - O Sol dos Sóis”, onde as crianças abandonadas eram acolhidas com carinho por ele e sua esposa, sendo cuidadas com a ajuda de voluntários. Dona Valéria, (nascida em Taquaritinga, SP, aos 28 de maio de 1913), “foi o sustentáculo das realizações de meu pai em Itu”, disse carinhosamente, seu filho José do Carmo, “tendo sido a mantenedora da campanha “enxoval dos pobres”, para a qual produzia e organizava esses enxovais, com sacrifício de suas horas de descanso; campanha que continua até hoje, sessenta e sete anos depois”. Em época de Natal, era conhecida na cidade, a luta do Cel. Amantéa para dar às crianças carentes um brinquedo, a fim de que também tivessem direito a essa alegria. Seus filhos, ainda pequenos, faziam a distribuição dos panfletos do “Natal dos Pobres”. As enormes filas defronte ao Orfanato no dia de Natal eram motivo de alegria para o seu coração. Ao lado, funcionava a “Cabaninha Antonio de Aquino”, a casa espírita fundada por ele com a ajuda de colaboradores em 25 de dezembro de 1948 e que até hoje é mantida na cidade, com

objetivo do estudo e divulgação da doutrina espírita, através de palestras e atendimento às pessoas necessitadas de auxílio material e espiritual. Mais tarde, às suas expensas, foi construída no fundo de sua casa (na Rua Santa Rita, 1471), a primeira sede da Cabaninha e depois a sede com frente para a Rua Benjamin Constant.

José do Carmo enfatiza: - “o pai reservava uma porção do seu soldo para a manutenção de suas atividades doutrinárias e de assistência social. Mas, é por justiça que ressalto que o povo ituano colaborou muito com a Cabaninha, desde o seu início.”

Cel. Amantéa foi também maçom, tendo frequentado a loja de Itu por algum tempo. “Além de militar e espírita atuante, era um homem forte, esportista, principalmente da natação”, relatou seu filho Ciro. Consta em algumas publicações pesquisadas, que ele foi o primeiro a atravessar, a nado, o rio Sorocaba, no final da década de 40. Frequentava diariamente a piscina da Associação Atlética Ituana e no Regimento Deodoro foi responsável pelo Departamento Esportivo durante sete anos. José do Carmo, contou-nos que o Cel. Amantéa fez o Curso de Educação Física, na Escola de Educação Física do Exército e por esse motivo sempre defendeu o esporte, principalmente a natação, como um dos caminhos para a manutenção da boa saúde e do afastamento dos jovens das drogas. Ele fazia anualmente uma campanha antidrogas com apoio do esporte, ao nadar cinco mil metros, nos dias de aniversário da cidade (2 de fevereiro), em uma raia da piscina da Associação Atlética Ituana, especialmente reservada para ele.

Ele deixou a carreira militar, onde poderia ter progredido, em prol de suas atividades no Espiritismo e na caridade.

Nos anos 80, o então vereador Inaldo Lepsch propôs e a Câmara Municipal aprovou, o título de Cidadania Ituana, ao casal Fiori Marcelo e Valéria. Em 1995, aos oitenta e sete anos de idade, faleceu em Itu, ou desencarnou (como ele certamente gostaria

que disséssemos), este espírito bondoso, que amou a cidade e nela plantou tantas sementes do bem, deixando em muitos corações, sentimentos sinceros de gratidão. Em vida, ele enaltecia a ajuda da esposa dedicada em todas as suas conversas com amigos, creditando a ela os méritos pelo trabalho desenvolvido; ela, que mesmo tendo contraído câncer em 1963, doença que permaneceu até a sua morte, era quem cuidava das crianças do orfanato, quem distribuía parte das refeições diárias de sua família para os pedintes no portão da sua casa.

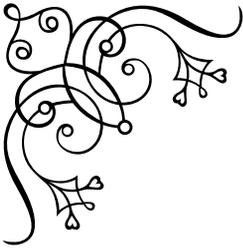
Após o falecimento do Cel. Amantéa, d. Valéria, com a ajuda do filho Ciro continuou a conduzir o orfanato, até a sua morte em 1996, aos oitenta e três anos.

Com as palavras de seu filho José do Carmo, fechamos o perfil do Cel. Amantéa, narrando parte do início de seu caminho neste mundo: “O espírito de iniciativa e de empreendedor, penso eu, começou com o fato do meu pai ter fugido de casa, ainda adolescente, para evitar, o que era costume na época, ficar na lavoura com a família. Queria estudar e ser alguém. Foi para o Rio de Janeiro e passou fome até encontrar seu irmão, com quem se tornou pintor, pintando os primeiros arranha-céus da cidade. Já na idade do Serviço Militar, foi acolhido por um salva-vidas seu amigo, o “Índio”, como era conhecido, que o iniciou nessa atividade, até entrar para o Exército como soldado e, posteriormente, cursar a Escola de Intendência do Exército, seu passaporte para o oficialato. Foi designado para servir em Natal, RN, por ocasião da 2ª. Guerra Mundial, nos Batalhões de Suprimento das Forças Brasileiras enviadas à Itália. Por lá ficou dois anos, até o final da Guerra. Foi católico e voltou espírita. O Livro dos Espíritos, presente do seu irmão Miguel Amantéa, que ele jogara ao sair, no fundo da mala para esquecer, pois era católico fervoroso, foi o seu lenitivo e bússola para a sua conversão, naquela situação desesperadora de intenso trabalho e afastamento dos amigos e da família.”

Rua Coronel Fiori Marcelo Amantéa, Portal do Éden, Itu e Complexo Aquático “Cel. Fiori Marcelo Amantéa”, anexo ao estádio “Novelli Junior”, assim a cidade de Itu prestou homenagens a esta “Presença Ilustre”.

Acadêmica Maria Aparecida Thomaz Alves
Cadeira nº 08





Gildo Guarneri

Acadêmico Bernardo Campos
Cadeira nº 13



Gildo Guarnieri

Determinado, muito mais de ação que de palavras, quem sabe às vezes incompreendido, até pela confiança e ímpeto de suas ações, mas sempre idealista. Estes talvez alguns dados que pudessem expressar a autêntica personalidade do cidadão, o ser humano que fora Gildo Guarnieri.

Sem o intento de escalonar dados seus em sequência lógica e sequente de datas, enumere-se apenas uns poucos e isolados flagrantes caracterizadores de um personagem atuante, com o curioso predicado de ser a um tempo individualmente arrojado e, assim mesmo, influente e decisivamente envolvido no meio social e empreendedor.

De 1927 a 1930, cursou o tradicional Grupo Escolar Convenção de Itu. Com sete anos de idade acompanhava seus pais, vendedores de jornais, certamente uma influência matriz na sua vida. Entre uma atividade e outra, na juventude e até a idade adulta, a venda de jornais surge como uma constante.

Com doze anos, fizera-se precocemente aprendiz de tecelão na Fábrica São Pedro, de gloriosa tradição e memória. Em seguida, humilde comerciário, empregou-se no então Café Eridano e também em banca do Mercado Municipal. Cumpriu o serviço militar em 1939, junto ao 4º R.A.M. local. Interessado e incansavelmente curioso, atuou também como guarda-livros.

Ausentou-se de Itu. Foi morar em São Paulo e também em Guaratinguetá e Aparecida do Norte, período em que chegou a

adoecer acometido de esgotamento físico e mental, pelo que optou por retornar à cidade natal.

De volta a Itu, estabeleceu-se com a tradicional loja, denominada Bazar Regente Feijó, primeiramente na rua Dr. José Elias e depois na Floriano Peixoto. Uma organização que marcou época no meio comercial ituano. Esse estabelecimento manteve longa tradição, adquirido que fora por dois sócios, de conhecidas famílias, Rocha e Stipp.

Ponto alto e clímax de sua existência, fundou a Indústria Gráfica Itu Ltda., notória e consagradamente a IGIL - sigla renomada que como tal até hoje perdura – para adquirir mais tarde, em novel bairro dos altos da Vila Nova, ao lado do Estádio Municipal, dez lotes conjugados, numa das expansões do perímetro urbano. A esse logradouro, em homenagem póstuma, atribuiu-se, merecidamente, o nome de Rua Gildo Guarnieri.

Nessa área, seus filhos, continuadores da pujança paterna, edificaram a sólida e aparelhada IGIL de hoje, consagrada definitivamente nas suas moderníssimas instalações.

De índole definida, entregue enfim à lide gráfica, realizou-se plenamente como fundador de acatado jornal – A Voz de Itu – no período de 1950 a 1955. Jornalista e editor genuíno, vocação ínsita a quem traz na veia o sangue embebido da tinta preta das antigas tipografias. Uma verve natural, inata.

Teve em meu genitor, igualmente do meio jornalístico em Capivari, um amigo de longas prosas. Na idade avançada e já aqui residente, de mera distração, papai criava as charadas semanais veiculadas no jornal do Gildo.

Tamanho o seu entusiasmo que, aos domingos de manhã, ele, editor e jornaleiro, postava a banca de venda de seus jornais na calçada fronteira à Igreja de Santa Rita.

Assumira-se, pois, efetivamente gráfico, solidamente estabelecido, na Rua Santa Rita (entre a Sete de Setembro e Elias Lobo, na hoje entrada para os fundos da agência do Banco Itaú). Pela im-

prensa e bem a seu talante empreendedor e visionário, deu vazão livre e ampliada a ideais e anseios próprios, além de outros direcionados ao bem coletivo. Dir-se-ia uma fase áurea de um trabalhador humilde e pobre, afinal vencedor incontestável.

Fora candidato a vereador e a prefeito, área em que pontuam historicamente mais as ambições que os ideais, por isso sem êxito, compreensivelmente, porém e sem qualquer desdouro para si. Um entusiasta da transferência do Mercado Municipal e manutenção do prédio para usos culturais e assemelhados, edifício tombado que era. Mais tarde, um prefeito chegou até a definir a oportuna mudança, ideia a que o seu sucessor infelizmente não deu continuidade.

Filiado ao PRP de Plínio Salgado, Conselheiro da Primeira Diretoria da Associação Comercial e Industrial de Itu, cofundador do Clube de Campo de Itu e da Associação Ituana de Imprensa, membro da ABIGRAF e daí participante, de 1965 a 1971, de congressos periódicos nessa entidade, Brasil afora.

Gildo Guarnieri nasceu em Itu, aos 13 de agosto de 1919. Ao se considerar que veio a falecer com cinquenta e três anos, é lícito dizer o quanto não influenciaria ainda mais a vida ituana, ao longo dos tempos. Morte algo prematura e até surpreendente, eis que, um ano antes, tinha empreendido longa viagem de quatro meses ao exterior.

De fato.

Com o empreendimento próprio e bem sucedido, Gildo deu vazão a sonhos de percorrer outras terras em longas viagens de recreio e observações. Desses passos, sem propriamente escrever livros ou usar linguagem literária, registrou, em anotações singelas e diárias, todos os pormenores de onde esteve e como os vivenciou. Essas anotações vieram posteriormente a serem catalogadas por sua neta e transformadas em quatro livretos.

Gildo era imprevisível, surpreendente e curioso. Sonhador e persistente, passou dos planos à realização de um turismo observador e pessoal, muito a seu modo.

Vagueou pela América do Sul, em 1952, durante cento e cinquenta e dois dias. Em 1963, a bordo de uma perua Kombi, esteve em todos os estados brasileiros viajando de junho a dezembro.

De avião, rumou do Brasil para a Alemanha, onde percorreu a maioria dos países do velho continente. Tudo se deu entre maio e outubro de 1967.

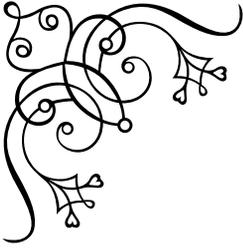
Achou tempo e persistência para, por derradeira aventura, retomar a visita à Europa, com extensão ao Oriente e Escandinávia, como assim já define a capa do quarto livreto. Saída de Campinas em 31 de maio, com volta a Itu em 15 de setembro. Ano de 1972.

De prole numerosa, os familiares (alguns já falecidos) dão hoje continuidade à empresa, especializada na editoração de revistas com renome e circulação regional e nacional.

Gildo, em suma, um ituano de escol.

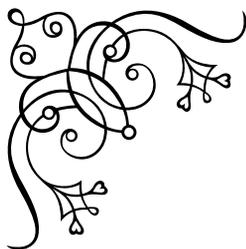
Acadêmico Bernardo Campos
Cadeira nº 13





Hans Victor Frostli

Acadêmica Maria Célia Brunello Bombana
Cadeira nº 15



Hans Victor Trostli

No segundo semestre de 1986, havíamos participado da fundação da AIPA - Associação Ituana de Proteção Ambiental, meses antes, e começamos a oferecer tardes de arte ambiental aos amigos e colaboradores.

Trabalhávamos com flores e folhas, Alice Brill e eu, ensinando a pintar, fazer flotagens e colagens, cuidando para que a inspiração fosse a natureza a nossa volta, ou a própria imaginação.

Um senhor chamava-me a atenção, chegava sempre acompanhado de três ou quatro crianças, todos muito educados e atentos, sempre sob os olhos paternos. Era Hans Trostli. Logo fizemos amizade e admiramos seus trabalhos sociais e o cuidado com os filhos.

Hans Victor Trostli nasceu em 16 de março de 1922 em Viena, Áustria, filho de Karl e Marianne Trostli, primogênito de uma família de quatro irmãos. Chegou ao Brasil no começo da década de 40, fugindo da II Guerra Mundial, pois esteve preso por um ano e oito meses em campo de concentração, na França.

Judeu, converteu-se ao Cristianismo, conhecendo e lendo a Bíblia nos campos de concentração.

Autodidata, adorava ler. Tinha prazer em aprender, era uma pessoa culta, com facilidade no aprendizado. Era poliglota. Abordava e comentava diversos assuntos de seu interesse ou não; sempre foi curioso. Participou de alguns cursos como aluno especial na USP. Tinha um enorme fascínio por informática.

Casou-se no Brasil com Suzane, austríaca, com quem teve três filhos: Elizabeth, Ivone e Roberto. Casou-se pela segunda vez com Francisca, brasileira, com quem teve oito filhos: Carlos, Raquel, Jorge, Davi, Alexandre, Sheila, Ricardo e Carolina.

Em 1980 mudou-se para Itu juntamente com sua esposa Francisca e seus filhos caçulas. Escolheu esta cidade pela proximidade da capital e por considerá-la tranquila e segura.

Abriu aqui seu escritório onde cuidava de sua empresa e ao mesmo tempo ficava mais próximo de seus filhos pequenos.

Em 1981, um dos seus filhos teve um tumor cerebral, o que o levou à cegueira, vindo a falecer com seis anos de idade. A convivência com uma criança cega, mostrou-lhe a necessidade de existir um lugar diferenciado para educar e cuidar de pessoas com deficiência visual, para que as mesmas conseguissem ser independentes.

Lembrou-se que outros pais teriam a mesma dificuldade e que precisariam de uma entidade para ampará-los. Surgiu então a ideia de fundar a Escola de Cegos Santa Luzia.

Hoje a escola conta com sede própria. Foi um sonho transformado em realidade, graças à colaboração de seus amigos rotarianos, Capitão Octávio Cintra, Izilando Agaruzzi e Jacob Federmann, que doou o terreno. A eles somou-se um grupo de empresários que forneceu o material de construção. Grande parte da mão de obra foi cedida pela prefeitura; além de outros colaboradores que acreditaram no projeto.

Atualmente a Escola de Cegos Santa Luzia conta várias décadas de trabalho em habilitação e reabilitação, sempre preocupada com a inclusão dos assistidos.

Nesse mesmo tempo, Hans Trostli tornou-se membro do Rotary Club Itu Convenção, no qual se empenhava em ajudar e a fazer o melhor possível; dedicava-se intensamente ao intercâmbio de jovens e profissionais através de muitos países. Tinha consigo um imenso prazer de ajudar o próximo.

Pai presente, educador e orientador, apreciava a vida, as pessoas, a música erudita, seu trabalho e seus amigos. Homem íntegro, levava sempre seu sorriso largo por onde passava.

Em 1997 foi diagnosticado com leucemia, e veio a falecer no dia 05 de outubro de 1998, aos setenta e seis anos de idade. Foi sepultado nesta cidade, a Itu que o acolheu e que ele tanto amava.

Dos seus filhos obtive os seguintes depoimentos:

“Difícil falar do meu pai e não pensar em coisas boas. A educação, o amor ao próximo e a integridade que eu e meus irmãos temos, é o fruto de seus ensinamentos sobre a vida. Ele me ensinou toda a essência do meu ser. Da mais pura e boa qualidade. Amo-o eternamente. Um homem que nos ensinou que a honestidade e o caráter nos fazem homens de bem. Um ser humano inesquecível.”

Carolina Trostli

“O meu pai sempre foi para mim, um exemplo de amor, bondade e honestidade.”

Sheila Trostli

Carlos Trostli em entrevista à revista *Época* e transcrita no Google, diz que: “Sua maior inspiração veio do pai, o fundador da Carbox (1950 – especializada em materiais de escritório, na cidade de São Paulo, localizada na Freguesia do Ó), empresa que acabou por doar a uma entidade filantrópica. Para o filho foi uma demonstração de coerência com os princípios que nortearam sua vida.

A decisão não foi um choque, foi uma decisão coerente, conversada com os filhos. Para ele, a empresa, que visa lucro, deve dar suporte a segmentos sem fins lucrativos, como hospitais e escolas.

Um dos valores mais importantes que meu pai transmitiu para os onze filhos, foi, que todos devem retribuir à sociedade o que conquistaram ao longo da vida.

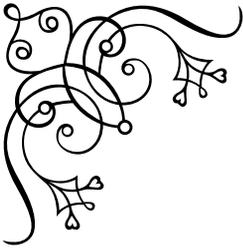
Quando me lembro do meu pai, o que me vem à mente é a cena com ele e o cacique Raoni. Nós viajávamos de barco pelo Xingu, e a certa altura da viagem, olhei para trás e vi meu pai se barbeando ao lado daquele índio txucarramãe, de botoque nos lábios.

Eu aprendi muito. Ele sempre dizia para ouvir os outros e ter humildade de aprender com quem quer que seja.”

Hans Trostli, ao longo de sua vida, transmitiu através de suas ações a bondade e o amor que existiam em seu coração. Sempre foi uma pessoa correta e digna em seus atos. Gostava muito de ajudar, ensinar e amparar o próximo. Achava que o mais importante na vida era ser digno, ter estudos e saúde. Sempre passou a seus filhos que a honestidade vinha em primeiro lugar. Foi um pai amoroso e presente. Deixou uma herança grande de amor e lealdade em sua família, onde todos se orgulham em fazer parte.

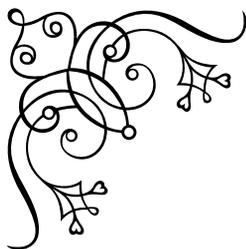
*Acadêmica Maria Célia Brunello Bombana
Cadeira nº 15*





*Doutor Hélio
Chierighini*

Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17



Doutor Hélio Chierighini

Em flashback, repetidas vezes, reaparece a cena indelevelmente gravada, bastando apenas ser o assunto atendimento médico. Isto porque, recém-chegada a Itu, com os quatro filhos pequenos, não tinha ideia sobre algumas dificuldades que poderia encontrar na questão saúde. Com dois cunhados médicos, um ginecologista e outro pediatra, tinha cuidadoso atendimento durante as gestações e, após o parto, os bebês ficavam sob a carinhosa responsabilidade do tio pediatra.

Agora, entretanto, via-se numa noite chuvosa, o marido viajando, plenas duas horas da madrugada, com uma das meninas ardendo em febre e chorando... chorando também estava a babá, o que realmente em nada ajudava.

Lembrou-se que em seu caderninho de notas havia um telefone, precioso nesse momento. Mas hesitou. Duas da madrugada! Chuva! Chamar um médico?! Entretanto, o pavor falou mais alto e decidiu-se.

Dali a pouco, atendendo à campainha, teve pela frente um sorridente Dr. Hélio Chierighini fechando seu guarda-chuva.

Esse era seu modo de ser: atencioso sem limites.

Bem, esta foi a primeira chamada nestas condições e certamente não a última, pois com quatro crianças, pode-se imaginar as inúmeras visitas do Dr. Hélio, do Dr. Ennio e até do Dr. Emílio.

Estabeleceu-se firme e duradoura amizade entre as famílias,

amizade que, varando os anos, permanece até hoje. Com afinidades pessoais, meu marido e o Dr. Hélio conviveram agradavelmente, trocando mútuas brincadeiras e dizeres que acabavam sempre em boas gargalhadas.

Para esta carinhosa biografia do médico e amigo, fui buscar com Maria Eliza, sua esposa, fatos que pudessem completá-la. E recebi o admirável curriculum vitae do médico e, em agradável conversa, delicadas lembranças de uma vida harmoniosa e profícua em que o menino alegremente prenunciava o homem.

Nascido em Salto no dia 02 de fevereiro de 1932, filho de Emílio Chierighini e Hermínia Gazzola Chierighini, Hélio cursou as primeiras letras no Colégio Sagrada Família. O curso secundário, de 1943 a 1946, foi no Instituto de Educação “Regente Feijó” em Itu. Colegial no Colégio Dante Alighieri e no Liceu Pasteur em São Paulo. Os estudos superiores em Medicina foram realizados de 1950 a 1955, na Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, hoje Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

Hélio gostava de competições. Criança e jovem, sempre jogou futebol. Como universitário, a par das inúmeras atividades acadêmicas, sempre arranjava espaço para os jogos tradicionais entre equipes internas e externas.

Teve destacada atuação na vida universitária, iniciando já em 1951 como Monitor da cadeira de Anatomia Descritiva e Topografia e, mais tarde, da cadeira de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental no Serviço do Professor Dr. Henrique Mélega; Secretário do Centro de Estudos de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental da Escola Paulista de Medicina.

Estagiou em Obstetrícia no Serviço do Professor Dr. Álvaro Guimarães, no Grupo do Professor Dr. Cyro Ciari e participou da Equipe de Cirurgia do Dr. Salim Moysés Auda. A convite, já formado, foi Assistente de Anatomia Descritiva e Topografia da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), no Serviço do Professor João Moreira da Rocha.

Estabeleceu-se na cidade de Itu com clínica privada de Cirurgia Geral a partir de 1956, intervindo seus casos no Hospital da Santa Casa de Itu e na Maternidade Borges (Itu) até 1964.

De 1960 a 1964 foi Cirurgião do Hospital Bezerra de Menezes em Porto Feliz e, de 1958 a 1962, Cirurgião do Hospital Nossa Senhora do Monte Serrat, em Salto.

Em 1962, com seu pai Emílio Chierighini e seu irmão Ennio Chierighini, ambos médicos, projetou e fez construir o Hospital Nossa Senhora Candelária S/A em Itu, que iniciou o atendimento em 1964.

Em 1965, com Dr. Emílio e Dr. Ennio, fundou o Serviço de Assistência Médica e Cirúrgica - SAMEC, para atendimento médico às empresas e ao plano familiar. Hoje, esse prédio abriga um Ambulatório Municipal.

De 1964 a 2000, Dr. Hélio foi Diretor Clínico do Hospital Nossa Senhora Candelária, onde exerceu os cargos de Cirurgião e Endoscopista do Aparelho Digestivo.

No SAMEC foi Cirurgião desde a sua fundação até 2005.

Sócio da Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva-SOBED e da Sociedade Médica da Região Ituana.

Dr. Hélio Chierighini trabalhou em sua clínica privada em Itu, situada na Rua Dr. Silva Castro 372, Vila Nova, que continua hoje com seu filho, Dr. José Emílio, Cirurgião e Especialista em Endoscopia do Aparelho Digestivo.

Formado em 1955, em agosto desse ano Hélio esteve em uma festa na Fazenda do seu tio Luiz Gazzola, em Cabreúva, onde conheceu Maria Eliza. E como se deu tal encontro? Simplesmente sinal dos tempos.

Estudando em São Paulo, Maria Eliza Dornellas Coelho, que era da cidade de Araçatuba, foi convidada por sua prima Déa Bastos para uma festa na fazenda do tio de seu namorado Ennio Chierighini, pois não se usava uma moça ir sozinha a uma festa onde estaria o namorado e sua família. E lá foi Maria Eliza, para

fazer companhia a sua prima... Contou-me ela que, nesse dia, conheceu D. Hermínia (irmã do Sr. Luiz Gazzola) e ficou encantada com sua futura sogra.

Em 1956 o doutor recém-formado começou a trabalhar. Ficou noivo e casou-se em 1957. Tiveram cinco filhos: Ana Elisa, Marília, José Emílio, Maria Paula e Luiz Carlos. Em quarenta e seis anos, o casal construiu família de cinco filhos, dez netos, um bisneto e uma vida de perfeita harmonia.

No casamento, Hélio comprara a máquina Contaflex, desenvolvendo então o hobby da fotografia. Surgiram inúmeras fotos e slides, meticulosamente guardados. Autodidata, tornou-se excelente fotógrafo, elaborou audiovisuais das comemorações e das viagens. Também filmes faziam parte de sua predileção, realizando em sua casa agradáveis reuniões para apreciá-los com amigos.

Dedicado ao trabalho e à família, Dr. Hélio, entretanto, não descuidava dos estudos, atualizando-se, permanentemente, em cursos, jornadas, simpósios, seminários, e congressos no Brasil e no exterior.

Em 1970 o casal realizou sua primeira viagem internacional, indo ao Japão para a Exposição Mundial, em Osaka. De lá seguiram à Itália. Dessa data em diante, continuaram as viagens para congressos em diversos Estados brasileiros e também no exterior: Estados Unidos (inclusive Havaí), México, Venezuela, Bolívia, França, Hungria, Espanha.

Apreciador de vinhos, Dr. Hélio possuía vasta literatura sobre o assunto e tinha grande satisfação em visitar, na Europa, especialmente na França, os vinhedos com seus deslumbrantes castelos, em que se degustam os resultados obtidos pelos meticolosos produtores.

Justamente durante uma viagem, Hélio faleceu na França, em junho de 2005, na presença da esposa e dos filhos José Emílio, Maria Paula e Marília.

Maria Eliza e Hélio estavam num vilarejo chamado *Nuit de*

Saint George, perto de *Beaune*, hospedados em um agradável e pequeno hotel situado na rota dos vinhos.

Acometido de um mal súbito na noite de terça-feira, 14 de junho, Hélio foi imediatamente atendido em *Beaune* e daí encaminhado para *Dijon*, ao Hospital da Faculdade de Medicina. O atendimento que recebeu foi com muita solidariedade, tanto por parte dos médicos, na UTI, como de uma brasileira, jovem funcionária do Hospital em *Dijon*. Interessante, conta Maria Eliza, que também em *Beaune*, havia no hospital uma funcionária brasileira.

Após três dias, em 17 de junho, Dr. Hélio faleceu. Foi muito sofrida a parte burocrática que se seguiu, pois somente uma semana depois, no dia 23, o corpo ficou liberado para as providências necessárias, sendo então levado de carro para Paris e permanecendo no aeroporto vinte e quatro horas, antes de poder embarcar ao Brasil. A família não pôde seguir junta no mesmo avião. Somente Maria Paula acompanhou o pai nesse voo. Marília conseguiu embarcar em outro horário. Maria Eliza e José Emílio haviam chegado ao Brasil um dia antes.

Cidadão prestante, Dr. Hélio dedicava-se a atividades culturais e serviços à comunidade. Foi membro do Rotary Club de Itu desde 1956, tendo recebido o Título de Companheirismo Paul Harris da Fundação Rotária do Rotary Internacional. Com suas fotos recebeu muitas distinções: Grande Medalha de Ouro do V SAPI - Salão de Artes Plásticas de Itu, realizado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio. No VI SAPI e no Jubileu de Prata da mesma Faculdade (1983), recebeu Medalhas de Honra ao Mérito; do Clube Bandeirante de Fotografia, Medalha de Honra pelo 4º lugar (1987); Menção Honrosa concedida pela Fédération Internationale de l'ART Photographique – FIAF, pela exposição de seu trabalho em Matsuyama – Japão (1988); Homenagem da Prefeitura da Estância Turística de Itu pela dedicação, incentivo e trabalhos prestados à cidade de Itu na área cultural.

Participou de Bienais, Exposições, Salões de Arte Fotográfica em vários Estados brasileiros, sempre se destacando com seu magnífico trabalho fotográfico, que também se apresenta pujante, na coautoria do livro “ITU PATRIMÔNIO DA CULTURA PAULISTA”, publicado com Jair de Oliveira e Ismael Guarnielli.

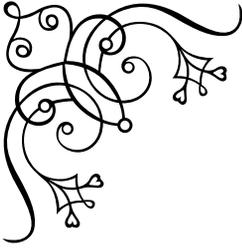
As famílias de Hélio e Maria Eliza constituíram conjunto harmonioso, em que predominava a delicadeza no trato. Maria Eliza conta que, embora de cidades distantes, pois seus pais moravam em Araçatuba, o contato era constante.

Os planos às comemorações e viagens eram feitos sempre de comum acordo. E, desde a compra da máquina Contaflex até as mais sofisticadas que foram sendo adquiridas, são inúmeras as fotos, atestando tudo, o que se transformou em verdadeiro patrimônio familiar, para gáudio de gerações.

À Família do Dr. Hélio Chierighini, médico merecida e fartamente elogiado nos jornais que noticiaram a inauguração do Hospital Nossa Senhora da Candelária em 1964, a homenagem da Academia Ituana de Letras – ACADIL ao Ginecologista e Obstetra que foi, realmente, o profissional tão necessário a uma comunidade - o MÉDICO DA FAMÍLIA.

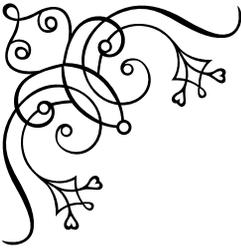
*Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17*





*Padre José
Vieira Novelli*

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30



Padre José Vieira Novelli

Quando criança, uma das figuras marcantes com quem convivi e admirei, não tanto pela prosa constante e nem pela influência absoluta sobre nós, crianças, mas pela expressão dos gestos, aquele notável silêncio, educação irrepreensível, foi o Padre José Vieira Novelli, ituano de nascimento, que por muitos anos, vivendo em São Paulo, vinha a Itu todos os finais de semana a fim colaborar nas atividades espirituais da cidade.

Nas décadas de 1970 e 80, chegava a Itu, vindo do Colégio São Francisco Xavier onde vivia, aos sábados pelas 9 horas da manhã. Hospedava-se na Igreja do Bom Jesus, residência dos Jesuítas, Ordem da qual fazia parte. Nós, coroinhas, a essa hora, tínhamos aula de catecismo e uma iniciação à Teologia com o Padre Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux, ituano de velha têmpera. Mas, ficávamos atentos ao corredor da sacristia, para quando chegasse o bom Novelli. Trazia na sua maleta um conjunto de gibis, dos seus alunos paulistanos, para serem trocados com os nossos; na semana seguinte trazia outros e assim sempre havia novidades para ambos os lados.

Imagino que foi o homem mais discreto que conheci. Tinha aspecto principesco: falava o estritamente necessário, num tom de voz às vezes imperceptível. Recluso até em alguns momentos da vida em comunidade, quase não se percebia nem mesmo ruído no seu andar. Aos nossos olhos era um Jesuíta diferente, o primeiro

que conhecemos sem usar a infalível batina preta dos de Itu. Era um padre distinto pela elegância: calças cor de cinza ou chumbo, com vincos bem feitos, camisa branca e jaqueta cinza ou bege, às vezes meio curta. As calças também eram curtas, o que chamava a atenção aos sapatos: quando se sentava, procurava esconder os pés, meio grandes. Apesar de corpulento, Padre Novelli estava sempre meio corcunda, uma forma de não salientar-se aos outros, demonstrando a humildade, um dos predicados da Companhia de Jesus. Sempre o vi assim: em outras palavras, era um homem espartano, pela economia de coisas e hábitos.

Todos os seus gestos eram pensados, sem grandes arroubos de riso, aliás raríssimos e discretos. Era o jeito dele. Usava uma linguagem correta; parece que o estou ouvindo falar: o “e” bem pronunciado, os “s” longos, no final das palavras, rigor de mestre de línguas latinas. Isto tudo dava mais elegância aos seus modos. Apesar da ascendência italiana, durante a prosa as mãos sempre ficavam cuidadosamente pousadas sobre o colo, não colaborando na fala.

Nasceu em Itu a 15 de janeiro de 1917, filho de Luiz Gonzaga Novelli e Vicentina Vieira. Era o sétimo de dez irmãos, naqueles tempos de famílias numerosas. O irmão mais velho, homônimo do pai, foi Deputado Federal e Vice Governador do Estado, e muito contribuiu, como administrador público, para Itu. Aos cinco anos (1922) ficou órfão de mãe. Seu pai se casou no ano seguinte com a Sra. Eudora Bauer. Então lhe vieram mais oito irmãos. Ao todo dezoito.

O pai era italiano, nascido em Montazzoli, terra da minha gente, e daí vem um parentesco longínquo conosco, primo-irmão da minha bisavó, Concetta Novelli Di Francesco.

O velho Novelli morava ao lado do Museu Republicano e mantinha uma casa comercial de tecidos, na esquina da Rua do Comércio com Rua Sete e Setembro. Quando veio da Itália, estudou no Colégio São Luiz e de lá ingressou na Companhia de Jesus, o

terceiro brasileiro a frequentar o noviciado. Após os estudos preliminares, porém, retornou a Itu, onde se casou.

Essa trajetória religiosa foi tomada por mais três de seus filhos – Ignácio, Flávio e José, este o único que, de fato, permaneceu na Companhia de Jesus.

Em 1925 o Irmão Jesuíta Olavo Pereira, na Igreja do Bom Jesus, formou a primeira Cruzada Eucarística do Brasil, para atrair os pré-adolescentes à vida de Igreja. Ali José Novelli sentiu-se chamado à vida religiosa, ingressando em 1927 na Escola Apostólica. Nunca mais viu seu pai, falecido em 1939.

Ficou recluso ao Colégio Anchieta (Nova Friburgo) por dezessete anos. Nesse tempo entrou para o Noviciado da Companhia de Jesus, em 1º de fevereiro de 1933, e em seguida estudou Humanidades (entre 1935 e 37). Formou-se em Filosofia (1940).

Iniciou em 1941 sua longa carreira de professor, ensinando Latim e Grego no curso de Humanidades no mesmo Colégio Anchieta. Em 1945 mudou-se para Buenos Aires, a fim de cursar Teologia, no Colégio Máximo San Miguel. Foi ordenado padre em 20 de dezembro de 1947. Viveu ainda em Pareci Novo (RS) em 1948, para a Terceira Provação.

Em 8 de dezembro de 1948 foi festivamente recebido em Itu para a sua primeira missa solene, na Igreja do Bom Jesus. Depois de vinte e um anos retornava à terra natal.

Trabalhou como professor de línguas nos colégios da Companhia de Jesus por catorze anos, entre 1950 e 1964, novamente ensinando Latim e Grego. Por cinco anos dirigiu a Revista *Classicum* (em Nova Friburgo), destinada à ampliação dos estudos de Letras Clássicas.

Entre 1965 e 1987 viveu no Colégio São Francisco Xavier, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, atuando como professor de religião e diretor espiritual dos alunos. Nessa época é que voltou a frequentar Itu, celebrando as missas de sábado à tarde na Igreja de São Lázaro e no domingo pela manhã (10h.) na Igreja Matriz de Nossa Senhora Candelária.

Tinha especial predileção às crianças, com quem gastava parte do tempo, no colégio e em Itu. No final da tarde dos sábados, o carro vinha buscá-lo para celebrar missa na igreja da Vila Padre Bento. Um de nós o acompanhava. Falava pouco com o motorista, geralmente alguém da comunidade, palavras necessárias, mais nada. Pregava pouco e bem. Na segunda-feira, não tão cedo, partia de volta à capital.

Aprendi muito ao observá-lo, compreendendo sua humilde altivez de alma, de renúncia. Era capaz, ao mesmo tempo, de agir com discrição, polidez e humildade.

Ajudei a missa das exéquias de sua madrastra, d. Eudora Bauer. Nem ali, em momento de comoção, houve prejuízo em seus modos. Uma pessoa diferente, não insensível, mas serena, coerente com a crença na esperança, na vida eterna, na redenção de cada um. Era um homem de Deus.

Dentre as lembranças mais fortes ficou esta: certa vez foi celebrar à tarde, no Bom Jesus. Entrou para o altar e, como ninguém cantasse, pois não era costume no dia a dia, caminhando, iniciou a música de entrada, com seu timbre pouco volumoso e quase afinado, que ficou guardado em meu ouvido musical: “Alegres vamos à casa do Pai...” Era sua predileta. Sempre que me lembro do Padre Novelli, vem essa melodia...

Em 1990 passou a exercer a capelania em casas de religiosas, também no bairro do Ipiranga e deixou de vir a Itu.

Aos poucos foi demonstrando indícios de uma longa depressão e debilidade física que forçou seus superiores a transferi-lo para a Casa de Saúde da Companhia de Jesus, na capital mineira, em 1992.

Faleceu em Belo Horizonte em 19 de novembro de 2003. Na lembrança de seus companheiros de Ordem ficou a imagem do professor correto, aulas muito bem preparadas, exercícios constantes e corrigidos com pontualidade. Padre Novelli era desses intelectuais que prezavam a cultura clássica, que tinham prazer na leitura das

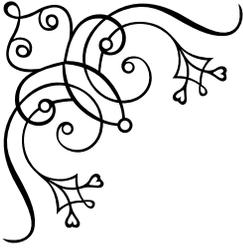
obras da Antiguidade, que distinguiam a qualidade da versificação latina, da retórica grega. Dedicava horas a fio, no quarto, à leitura, aos exercícios nas línguas clássicas, preparando-se intelectualmente para suas aulas.

Em Itu, nas quase duas décadas em que serviu aos finais de semana, buscou proporcionar crescimento espiritual a crianças e adolescentes, de quem tinha predileção. Promovia encontros, sempre buscando vocações para a Companhia de Jesus.

Foi um dos frutos importantes daquelas famílias antigas, formado à moda clássica, intelectual de vulto e que, apesar da erudição, manteve-se discreto, respeitoso, honrado. Um homem notável.

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30





José Waldir Trettel

Acadêmica Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli
Cadeira nº 01



José Waldir Trettel

Um farmacêutico vocacionado

José Waldir Trettel, ituano, nasceu aos 23 dias do mês de fevereiro do ano de 1960, filho do casal João Agnello Trettel, falecido e de Dona Antonia Ignês Trettel.

Frequentou duas das excelentes escolas públicas locais, quais sejam, o Grupo Escolar “Padre Bento e o curso ginásial da Escola “Professor Antonio Berreta”. Iniciou-se precocemente no trabalho. Aos doze anos de idade, após trabalhar alguns meses numa fábrica de embutidos, empregou-se como balconista na Farmácia “Santa Terezinha”, de propriedade do conhecido farmacêutico Amélio Soncin, também retratado neste livro.

Aos 13 anos, era um adolescente prestes a descobrir a verdadeira vocação. Durante os sete anos em que ali permaneceu no cargo, Waldir, como era chamado, sentiu-se impelido por sua inclinação de tal modo, que jamais pretendeu afastar-se dela.

Com razão; para o exercício profissional satisfatório existem pelo menos dois requisitos básicos: a vocação e as aptidões pessoais. A vocação constatou-se por força da inclinação, pois Waldir gostava muito do que fazia e as aptidões foram adquiridas no aprendizado prático conduzido pelo competente farmacêutico Amélio Soncin que, por sua vez, percebeu desde logo no discípulo, indisfarçável interesse pelo ofício.

Procurando aprimorar-se no trabalho escolhido, Waldir Trettel passou a atuar como gerente na Farmácia “Padre Bento”, onde permaneceu por nove anos até que, no ano de 1989, decidiu estabelecer-se com seu próprio negócio, adquirindo a Droga “Center”, hoje mantida e administrada por seus familiares.

No ano 2.000, em sociedade com a irmã Sônia Maria Trettel, comprou a antiga Farmácia “Santa Terezinha”, permanecendo com aquela propriedade até 2010, ano do falecimento do conceituado farmacêutico Amélio Soncin, seu velho e estimado mestre e que lhe vendera o mesmo estabelecimento. Este, embora houvesse transferido o comércio aos novos proprietários, não desejava afastar-se do ofício, comparecendo ao local diariamente, sendo tratado com atenção e carinho pelos sucessores. Em verdade, o negócio representou uma espécie de aquisição sentimental dos irmãos Trettel, permitindo que o velho amigo e professor não se afastasse definitivamente da profissão pela qual era apaixonado e, ao mesmo tempo, prolongando a existência de uma das mais tradicionais e queridas farmácias da cidade.

Entretanto, conforme proclamou o poeta Lawrence, “Morrem moços os amados dos deuses.” Acometido de insidiosa moléstia, que todavia não lhe esmoreceu o ânimo nem conseguiu afastá-lo da vocação, Waldir Trettel faleceu às vésperas de completar cinquenta e três anos. Lutou heroicamente pela vida, superando o sofrimento que não conseguia aplacar-lhe o esforço direcionado ao bom atendimento da clientela que buscava, além do remédio, a orientação segura.

José Waldir Trettel era casado com a senhora Fátima Zanoni, saltense, e pai de dois filhos: Adriano Trettel e Nikolas Trettel.

Era maçom, filiado à Loja Maçônica “Regente Feijó III”, desde 19 de junho de 2010, cumpridor de seus deveres com empenho e dedicação. Na sede da mencionada Loja foi velado, com o comparecimento e a homenagem dos companheiros e dos numerosos amigos, além dos familiares.

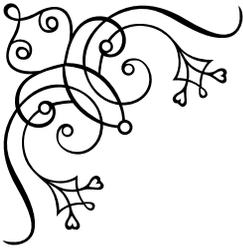
Waldir jamais mediu esforços na dedicação aos clientes, deslocando-se muitas vezes, do recesso do lar, na cidade de Salto, onde residia, para Itu, altas horas da noite a fim de aplicar o soro ou o medicamento, ou ainda simplesmente para levar algum remédio a quem lhe solicitasse o auxílio. Incansável no exercício profissional sentia-se solidário com o sofrimento alheio, podendo se expressar com o poeta: “A dor que vemos dói, como se em nós doesse” (Vicente de Carvalho).

Conhecedor da precariedade de seu estado de saúde decidiu fazer a doação de órgãos, assim pretendendo com parte de seu corpo, proporcionar vida e talvez felicidade a alguém que com ela sobrevivesse.

José Waldir Trettel foi um homem generoso e bom. E no conceito do filósofo Sêneca, “Deus vive um pouco em cada homem bom.”

*Acadêmica Maria Lúcia Almeida de Marins e Dias Caselli
Cadeira nº 01*





Louis Marins Amirat

Acadêmica Allie Marie Dias de Queiroz
Cadeira nº 25



Louis Marins Amirat

A Academia Ituana de Letras destina a publicação *Itu: Presenças Ilustres* a biografias dos homens e mulheres que marcaram a cidade, para que seus feitos sejam perpetuados na história de Itu.

Nomes que se transformaram em denominação de ruas, praças e prédios públicos se notabilizaram por ações de largo alcance em suas áreas de atuação e deram sua parcela de contribuição para a cidade que habitamos hoje.

São figuras do passado que, por meio destas resenhas, ganham novamente vida e se aproximam de nós, cidadãos do século XXI e nos permitem conhecer melhor o caminho trilhado nesses mais de quatro séculos por tantos que nos antecederam e, sobretudo, refletir sobre nosso compromisso na continuidade dessa trajetória coletiva.

Louis Marins Amirat é uma dessas presenças ilustres, nascido em Marselha em 1845, estudou arquitetura e por alguma razão desconhecida, veio para o Sul do Brasil. Casou-se com uma descendente de alemães, Guilhermina Bonn, e chegou a Itu no final daquele século. Encontra, já atuantes no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, as freiras Mére Marie Theodore Voiron e suas discípulas, de origem francesa como ele. O contato entre ambos deve ter sido próximo e suas três filhas, Marie Louise, Etiénette e Hélène foram alunas do colégio.

Louis chega a uma pacata cidade caipira, com feições ainda coloniais e modestas, que não combina mais com a riqueza adqui-

rida com o açúcar e o café, com os novos ideais republicanos e com os jovens herdeiros ávidos por implantar em sua terra natal as modernidades que viram na Europa.

Era urgente dar a Itu ares importantes, à altura de sua proeminência política e econômica, expressar nas fachadas e nas ruas toda distinção que transformou a vila de outrora em uma das mais importantes da província, exhibir fausto e grandiloquência.

Sem registro do ano que o casal Amirat chegou, a primeira menção ao arquiteto está na ata da 5ª sessão extraordinária da Câmara Municipal de 1887, na relação de despesas a serem pagas pelo município, porém não há referência ao trabalho executado. Em 1888 assume como “mestre construtor” o projeto do engenheiro Paula Souza para as obras do lavadouro público, no local que hoje conhecemos como Praça Conde Parnaíba.

Rapidamente, Louis Amirat cai no gosto da gente de Itu e seus trabalhos cheios de novidades, em contraposição à costumeira taipa, impressionam pela imponência e elegância.

Suas obras são um divisor do tempo da cidade, entre a antiga vila e esta urbe moderna, que passa a usar novos elementos construtivos como o tijolo, ostentar símbolos de distinção em seus edifícios, como o desenho da fachada da igreja do Bom Jesus, assemelhada a Basílica de São João de Latrão, em Roma.

A igreja Nossa Senhora do Patrocínio sofre profunda transformação, perdendo quase que na totalidade as feições de seu idealizador, Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Amirat orna-a com as melhores referências das igrejas europeias, certamente mitigando a saudade que as Irmãs de São José sentiam de sua terra e para os ituanos uma igreja rica, iluminada como só se vê nas metrópoles.

Por toda cidade vê-se sua mão hábil erguendo casas particulares e prédios públicos, mas talvez sua obra mais interessante seja o Santuário do Apostolado da Oração, anexo ao Bom Jesus, feito em parceria com Padre Bartolomeu Taddei, fundador dessa irmandade no Brasil.

O Santuário tem pequenas dimensões, mas a riqueza dos detalhes, a delicadeza das colunas, a iluminação dramática e a inusitada proposta para as nuvens que carregam as imagens de Santa Margarida e de Jesus, feita com um material trazido por Louis Amirat, da França, mostram o requinte de sua mente criativa, o domínio de técnicas elaboradas e uma profunda identificação com os propósitos artísticos da época.

Muito mais há da lavra do francês Amirat em Itu, uma presença ilustre e determinante no seu momento histórico, que ainda hoje é alvo de estudos por parte de arquitetos e historiadores.

No encontro entre duas civilizações, a cosmopolita e europeia e a oitocentista e tradicional paulista, Louis Marins Amirat teve papel decisivo, sua obra resiste ao tempo e fala com eloquência sobre sua história.

De sua vida privada pouco sei e, embora sendo sua tataraneta, recorri à pesquisa em busca de informações e encontrei no jornal “República” de 1909 notícia da morte de seu pai, também Louis, em Paris.

No jornal “A Federação” encontrei algumas notas sobre casamentos de seus filhos, avisos comerciais e outras poucas informações.

Convivi bastante com sua filha Marie Louise, minha bisavó, mulher delicada e culta, que falava francês perfeitamente, bordava flores delicadas e rezava muito. Sempre elegante, usava golas de *fri-voleté* que fazia, mesmo com bastante idade. Sobreviveram algumas fotos e vasta descendência, especialmente em Itu, Salto e Cabreúva. Sobreviveu também um lindo cachimbo de madreperla, ainda guardado na caixa de couro e veludo vermelho, com o endereço da Rue de Paix, Marseille.

A família aparece em foto guardada pelos descendentes. Nela estão os filhos Pierre, Marcelen, Marie Louise e seu marido Luiz Augusto Braga, Etiénette e Hélène no quintal da casa que construiu na Rua do Comércio, 35.

Por fim, celebrando a memória familiar e a memória coletiva, nos 170 anos do nascimento de Louis Marins Amirat, transcrevo parte do texto publicado no jornal “A Federação”, em 18 de maio de 1918, por ocasião de sua morte, aos 72 anos:

“[...] Elle se foi, mas perpetua a sua memoria em os trabalhos que plasmou o seu gênio de artista, em as virtudes que lhe acendravam a alma de justo[...]” “Sofreu, experimentou os revezes da sorte com os sorrisos nos lábios, brotado de uma consciência sã e justa[...]”

Acadêmica Allie Marie Dias de Queiroz
Cadeira nº25

Fontes:

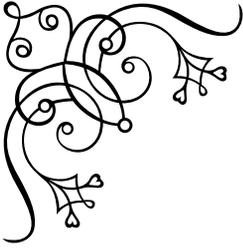
Francisco. Luís Roberto de. Louis Amirat: um arquiteto francês em Itu. Revista Boavida, edição 139, janeiro de 2000.

Jornal República – nº 826, 17 de janeiro de 1909. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.

Jornal A Federação – nº 717, 18 de maio de 1915. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.

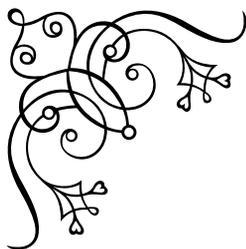
Jornal A Imprensa Ytuana – nº 288, 29 de dezembro de 1887. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.





Mandolo Santoro

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30



Manolo Santoro

Quem o via em sua oficina de relojoaria, portando monóculo com lente de observação precisa dos mecanismos, aquele ourives cuidadoso e discreto, por certo não imaginaria que se tratava de talentoso músico, uma referência entre os grupos musicais da cidade: orquestras, conjuntos e bandas, apresentando-se em igrejas, teatros e nas noites de seresta. Era o Manolo Santoro que, em boa hora, por iniciativa da então Secretária Municipal de Cultura de Itu, Acadêmica Maria de Lourdes Figueiredo Sioli, foi homenageado em vida, nomeando a EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística), projeto extraordinário de formação artística, criado em 1991 que, infelizmente foi completamente desvirtuado posteriormente.

Estou vendo-o, com seu andar manso, claudicando, apoiado na bengala, observando o painel de fotos de sua trajetória de menino imigrante, na exposição que abriu os trabalhos da EMIA no Espaço Cultural Almeida Júnior. Na preparação para as celebrações, fui incumbido de entrevistá-lo para ouvir as memórias, entender melhor da trajetória. Lembrou-se dos tempos de menino, aluno do Grupo Escolar Dr. Cesário Mota, a saudade daquele criatório de cidadãos de bem. Aos oitenta e cinco anos me falou de um livro, que lera na infância – Sombras que vivem – do qual tanto se lembrava. Conseguimos uma cópia da obra, que lhe foi entregue. Com que alegria recebeu o exemplar, olhos brilhantes da criança que vivia naquele espírito de artista.

Nasceu em Sevilha, Espanha, a 13 de setembro de 1907, batizado com o nome de Manoel Iglesias Santoro, filho do relojoeiro italiano Giuseppe Santoro e a jovem espanhola Carmen Iglesias Munhoz. Foi o primeiro de oito irmãos, frutos dos três casamentos de seu pai. Veio ao Brasil com sete anos e logo foi matriculado no Grupo Escola Dr. Cesário Mota onde se formou no curso Primário, nos bons tempos da escola pública da Primeira República brasileira.

Desde criança atuou profissionalmente com o pai, levando adiante longa tradição de família em sua oficina da Rua Santa Rita, próxima ao Mercado Municipal. Em 1952, com a morte do patriarca, fez um curso de óptica na Escola Caetano de Campos, em São Paulo para dar continuidade à carreira.

Estudou música desde criança, aluno do Maestro José Victório de Quadros. A flauta estudou com Osvaldo Assumpção. Este foi o seu instrumento de talento.

Iniciou sua vida de músico tocando em conjuntos no cinema mudo, em grupos de jazz band e bandas de concerto. Atuou com o Maestro Tristão Júnior nos Cines Royal e Central, antes do início das sessões de cinema mudo.

Tocou, a partir de 1935, na Orquestra do Centro de Cultura Artística de Itu, que marcou a sua vida e seu aprendizado, época em que conviveu com o maestro italiano Luigi Baldi. O grupo, que era mantido por uma sociedade de concerto, encerrou suas atividades em 1939, quando o regente, sentindo hostilidade pelo início da Grande Guerra, se mudou para São Paulo. Foi a primeira grande escola para o flautista.

Manolo era grande folião carnavalesco; apesar de sua timidez, nos dias de Momo, tomava um espírito de diversão, como bem observou seu colega Elizeo Belculfinè. Participou de conjuntos que animavam os dias de folia.

Casou-se com Encarnação Peres Serrano (Carminha), talentosa cantora do Coro do Carmo, de cuja união nasceu Carmen Selma Santoro, que viria a se tornar uma referência musical, pela bela voz e grande atuação como pianista.

Em 1936, a convite do Maestro Isaías Sparaninze Beculfinè, passou a fazer parte do corpo de músicos da Corporação Musical União dos Artistas, banda de concerto que tomou aspecto de orquestra, executando trechos de óperas, famosos balés e partes de sinfonias de grandes compositores europeus. A presença de um bom flautista – Manolo tocava flauta transversal e flautim – era imperiosa para a execução de excelência daquele conjunto que chegou a gravar dois LPs com seu notável repertório.

Tocou também em grupos informais que se organizavam para acompanhar os coros das igrejas em grandes celebrações religiosas, a exemplo do Coro do Bom Jesus, dirigida pelo mesmo Belculfinè.

Participou da Orquestra Maestro Tristão Mariano, dirigida pelo violinista Luiz Gonzaga da Costa Júnior (Prof. Luizito), na década de 1950, que se apresentava com frequência em eventos colegiais no Instituto de Educação Regente Feijó. Atuou, ainda, na Orquestra da Sociedade Artística de Itu, atuante na década de 1960.

Outra participação importante de Manolo foi no conjunto Seresteiros do Passado, que trouxe a tradição das serestas ituanas até a década de 1980. Tocavam valsas, schottisch e tangos. Nas noites de 1º de fevereiro, subiam em um coreto improvisado sobre a carroceria de um caminhão. Ali a música de Tristão Júnior e outros seresteiros como Erotides de Campos e Zequinha de Abreu invadiam a madrugada ituana, na véspera do aniversário da cidade. Esse mesmo grupo manteve programa semanal na Rádio Convenção de Itu.

Manolo teve alguns alunos de flauta, músicos atuantes, entre eles a própria filha, Carmen Selma.

Figura discretíssima, Manolo marcava presença em qualquer ambiente musical, em público, em família ou na casa de amigos, pelo talentoso manejo da flauta, de sopro firme, excelente bom gosto para repertório. Fazia duo com a filha, que o acompanhava ao piano em sua casa, repertório, muitas vezes, ainda enriquecido com a bela voz da esposa, dona Carminha.

Em diversas vezes ouvi e toquei com Manolo, em reuniões familiares, em casa dos meus avós, onde hoje está instalado o Museu da Música – Itu, em casa do pianista Olavo Costa Pinho ou na Igreja do Bom Jesus. Ali tive o prazer de tê-lo como músico em um pequeno grupo de músicos que regi, acompanhando o Coro na primeira execução das músicas de Elias Lobo, em 1990, após tantos anos esquecidas. Sua flauta acompanhou também, e por muitos anos, a Orquestra de Câmara que atuava junto ao coro formado para a Procissão de Passos. Os Motetes de Passos, compostos em 1890, por José Mariano da Costa Lobo, previa a presença especial de duas flautas que dialogam na elegante melodia. Ele foi, por décadas, a primeira flauta.

Essa atividade desinteressada e voluntária Manolo exerceu por toda a vida, porque a música era para ele como um alimento da alma, um elemento que o permitia interagir com a cultura local.

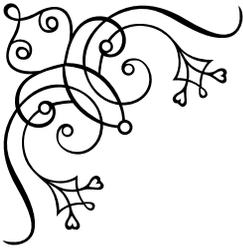
Manolo foi músico atuante também em orquestras de diversas cidades paulistas, como Capivari, Santo André, Sorocaba e Salto.

Faleceu em Itu a 11 de novembro de 1994, vítima de insuficiência respiratória aguda. Sua ausência foi muito sentida nos meios culturais da cidade. A Corporação Musical União dos Artistas, da qual fez parte por mais de cinquenta anos, homenageou-o, velando o corpo na sede social.

Manolo Santoro foi um dos últimos músicos daquela geração de idealistas e bem formados instrumentistas estimulados por seus mestres a encarar a música como uma comunicação superior, linguagem erudita, que estimularia a reflexão diante da própria existência.

O Museu da Música – Itu preserva sua coleção de partituras e a estante de música que utilizava. Entre as músicas, o velho método de flauta, que o acompanhou por toda vida de eterno estudante de seu instrumento de predileção.

*Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30*



Mansueto Santoro

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30



Mansueto Santoro

Ainda tenho clara na memória a voz metálica e acentuadamente característica do Prof. Mansueto Santoro ao ler a peroração do Sermão da Paixão de Dom Duarte Leopoldo e Silva: “E eles o crucificaram, crucifixerunt eum. Resta-nos porém a sua imagem pompeante e gloriosa, resta-nos o Crucifixo!” Sentado no púlpito da Igreja do Bom Jesus, na tarde da sexta-feira santa, dialogava com o pregador do Sermão das Sete Palavras, invariavelmente, um Jesuíta. Com sua narração dava emoção ao ato, conferia uma inigualável solenidade, que fazia daquele dia, naquela igreja e naquela cerimônia, um momento inesquecível. Provocava o pranto, o sentimento profundo de dor pela morte de Jesus. O escuro da igreja, o cenário do calvário, as velhas músicas do coro eram a moldura para aquele discurso sentido que só ele sabia conduzir, interpretar, acentuando uma e outra vogal, estendendo frases, para dar ênfase ao texto.

Mansueto trazia a tradição de velhos oradores, daqueles tempos em que a língua “inculta e bela” era uma ferramenta que, entre poucos, servia para sermões e discursos românticos, construídos para tocar os mais profundos sentimentos. Era um mestre da palavra, um cultor absoluto da língua portuguesa.

Mansueto Antonio Santoro nasceu em Itu a 9 de janeiro de 1917, filho do relojoeiro italiano Giuseppe Santoro, representante consular em Itu e da Sra. Teresina Annichino. Sua mãe faleceu na

Gripe Espanhola, quando o menino contava apenas dois anos. Teve sete irmãos, dos três casamentos de seu pai.

Aluno do Grupo Escolar Dr. Cesário Mota, ao concluir o curso primário, foi matriculado na segunda turma do Ginásio do Estado em Itu, que se tornaria depois a Escola Estadual Regente Feijó. Ali conheceu professores de qualidade, como o Catedrático de Latim, Tristão Bauer e o professor de Língua Portuguesa, José Leite Pinheiro, que tiveram formação sólida em línguas e oratória, ex-alunos dos Jesuítas. O Prof. Pinheiro foi diretor da Arcádia Gregoriana, uma das primeiras academias de letras do Brasil, que funcionou no Colégio São Luís de Itu. Mansueto bebeu dessa fonte. Foi também aluno de música do Maestro Tristão Júnior, de quem se lembrava com saudade, quem formou nele um extraordinário gosto pelas obras eruditas do repertório clássico.

Ao mesmo tempo a sua orientação espiritual se deu na Igreja do Bom Jesus, na Cruzada Eucarística do Irmão Olavo Pereira, que promovia verdadeira formação artístico-cultural para adolescentes, como não se pode imaginar nos dias de hoje. Estudava-se, além do catecismo, teatro e música, para apresentações artísticas no Salão Padre Taddei. Já na infância se vê o menino Mansueto representar em peças de cunho religioso.

Nestes dois espaços se formou o cidadão que encontrou na oratória a linguagem para externar o prazer pela cultura erudita e pela estética da palavra. Ouviu discursos marcantes, nos tempos em que a gente, a memória e os grandes ideais eram celebrados em eventos públicos; nessas ocasiões oradores se pronunciavam utilizando-se da fala inflamada, de qualidade linguística, palavras incomuns e bonitas que, muitas vezes, os ouvintes pouco entendiam, mas gostavam de ouvir. Tratava-se beleza da sonoridade da língua.

Prof. Mansueto levou adiante essa estratégia: em discursos de celebrações não falava em anos, mas em lustros, identificava datas não pelo calendário, mas pela comemoração cívica ou religiosa que coincidia com a ocasião. Usava termos arcaicos, no linguajar do

dia a dia, mas de belos sons na fala inflamada. Era admirado por esses predicados.

Lembro-me dele sentado no Largo do Bom Jesus, homem já vivendo “o último quartel da existência”, como se referia à idade madura, naqueles tempos em que havia um banco bem de frente para a igreja. Braços estendidos sobre encosto de madeira, corpo relaxado, pernas cruzadas, era a marca do artista. Nós, pequenos, jogando bola entre as árvores da praça, éramos eventualmente chamados para perguntas que ninguém imaginava a resposta: “garoto, que nome se dá à fêmea do rinoceronte?” Após algumas tentativas sem sucesso, vinha a resposta certa, por parte do professor: “é abada, meu filho. A escola de hoje não ensina mais nada!”

Essa figura de homem singular, personalidade de artista, estudou o curso Normal, para formação de professores, na década de 1930, em Sorocaba. Formado, atuou como professor de Matemática e preparação para exames e concursos. Em 1938 foi nomeado para o Curso de Alfabetização do 4º R.A.M., denominação do regimento do exército aquartelado em Itu, à época. Posteriormente assumiu função de serventário da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo até se aposentar.

Casou-se em 24 de junho de 1941 com a senhora Conceição Cintra Santoro. Deste matrimônio houve três filhos, Terezinha Maria, Elza Maria e Dr. Flávio Cintra Santoro, que gentilmente colaborou com informações para este trabalho.

Na maturidade, estudou Direito na primeira turma da Faculdade de Direito de Itu, formando-se em 1972. Desde então advogou até seus últimos dias. As audiências em que participava, no Fórum local, eram marcadas pela verve fluente na oratória, citações em língua latina, muitas vezes deixando o magistrado em situações difíceis, por não compreender o significado dos termos que o causídico utilizava na defesa de seus clientes.

Atuou também como Juiz de Casamentos, em cerimônias que poderiam ser bastante simples, formais. Mas Mansueto as

transformava em celebração emocionante. Relacionava o casal a seus antepassados, lembrando-lhes os predicados e a emoção que sentiam ou sentiriam ao ver os jovens descendentes se casando.

Seu papel como orador, acredito, foi o contexto mais marcante de sua trajetória. Nas rádios locais, ao microfone em cerimônias ou, simplesmente, improvisando em reuniões, deixou a marca da emoção no auditório. Em reuniões solenes, levantava-se inesperadamente, tomava a palavra, irrompendo com aquela voz característica, volume alto, para ser ouvido por todos, falando com a facilidade de poucos, mesmo os de sua geração, como o concunhado Prof. João dos Santos Bispo. Abria os braços para ampliar a força das frases. Então seu discurso tomava uma fluência incomparável: “quem é este que hoje homenageamos? Quem é esta figura frágil que se agiganta diante de nossos olhos?” E, tantas vezes finalizava, oferecendo “um amplexo” ao homenageado.

Se na juventude foi atuante nos meios religiosos e culturais, nos últimos anos se desligou das grandes coisas para viver uma vida discreta de cultor da língua pátria. Seu único compromisso com a oratória era o Sermão das Sete Palavras que, infelizmente viu ser arrancado da cultura local em 1993, criando um vazio para a comunidade mais antiga da cidade. Naquela sexta-feira santa, perguntavam-se as pessoas: “onde estará o Mansueto Santoro a esta hora?” Era um grito de orfandade de quem crescera ouvindo sua voz marcante, trazendo do pequeno livro do Padre Marcelo Rocchi SJ a contemplação das sete últimas palavras de Jesus à Cruz em um ritmo de dor e sofrimento que só ele era capaz de acentuar. Assumira esse posto de leitor em 1940, depois da morte do Sr. Luiz Gonzaga Novelli, exercendo a importante função até 1992.

O Prof. Mansueto Santoro viveu por muitos anos, com a família, na casa da Rua XV de Novembro, próxima à Rua Santana, onde fui entrevistá-lo por duas vezes. Falou dos velhos mestres, dos antigos músicos da cidade, sempre emocionado, sem titubear

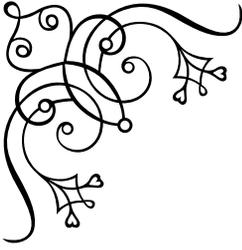
com o fraseado, porque as palavras lhe brotavam com a maior facilidade, raciocínio rápido, amante da cidade em que nasceu.

Faleceu em Itu aos 20 de março de 2004, deixando uma lacuna significativa no ambiente cultural, certamente o último dos grandes oradores, tipo de intelectual que não existe mais.

Talvez haja, na atualidade, algum pobre de espírito, que a esse patrimônio chame de cultura inútil. É gente infeliz que jamais sentirá prazer na sonoridade da palavra falada.

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira n^o 30





Irmã Maria Jacintha da Silva

*Irmã Anna de São José
Camargo Barros*

Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17



Irmã Maria Jacintha da Silva
Irmã Anna de São José
Camargo Barros

Enternecedor visitar o Patrocínio e encontrar, passeando pelo aprazível jardim interno, juntas, Madre Maria Jacintha e Madre Anna de São José. Certamente estavam sempre trocando ideias sobre as providências a serem tomadas com relação à Causa de Beatificação de Madre Maria Theodora Voiron, Primeira Provincial das Irmãs de São José no Brasil.

Madre Maria Theodora, que priorizou a educação da mulher brasileira, da mulher cristã, com a fundação do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em 13 de novembro de 1859, atendendo ao pedido do Bispo Dom Antônio Joaquim de Mello, Primeiro Bispo Paulista a ocupar o sólio episcopal de São Paulo.

Irmã de Madre Jacintha, a poeta e historiadora do Patrocínio Olívia Sebastiana da Silva teceu, com muita inspiração, uma história feita de amor, em seu livro “Alma de Fé”, que é, também, a história do Colégio do Patrocínio, o Primeiro Colégio dedicado à educação de meninas, no Estado de São Paulo. Por essa razão, na introdução desse seu livro, Olívia Sebastiana diz: “Madre Maria

Theodora foi chamada a acordar as mulheres destes Brasis para a luz da ciência, para o esplendor das artes e, sobretudo, para os estos da fé que eleva e transfigura”.

Irmanadas pelos ideais e pelo carisma da Congregação, Madre Jacintha e Madre Anna personificaram o trabalho incansável de educar gerações e de incentivar as devoções cristãs.

Maria Rosa, nome de batismo de Madre Jacintha, nasceu no dia 26 de janeiro de 1891, em Poços de Caldas, Minas Gerais. Nessa cidade montanhosa, a menina acostumou-se a fitar o céu, em busca dos altos picos e dos longínquos horizontes. Filha do Sr. João Domingues da Silva e de D. Virgínia Augusta Ramos, ficou órfã de mãe com apenas onze anos. Ela e sua irmã Olívia foram confiadas pelo pai à carinhosa guarda da Superiora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, a saudosa Madre Maria da Apresentação Voiron.

De temperamento vivo, Maria Rosa teve oportunidade de desenvolver seus dotes de inteligência, criatividade, liderança e vislumbrar a sua vocação para a vida religiosa.

Em 1917 entrou para o noviciado em Itu, onde conheceu as exigências das regras da Congregação e aprendeu a aceitar os percalços da vida comunitária. Tinha, entretanto, insuspeitada energia e caridade, que demonstrou como Irmã de São José de Chambéry.

No Colégio do Patrocínio, tradicional referência no campo educacional brasileiro, exerceu o magistério no início de sua vida religiosa. Surgiu, aí, a Mestra, no sentido mais amplo da palavra. As alunas internas, provenientes de famílias não só de Itu, mas também dos mais remotos rincões, receberam os benefícios incalculáveis da segura formação de sua Mestra.

Em seguida, foi Diretora do Colégio (1928) e, mais tarde, Assistente Provincial (1945). Elevada a Provincial em 1952, mostrou-se à altura das imensas responsabilidades e da confiança nela depositadas por suas Superiores.

Colocando sempre mais alto a bandeira de seu ideal educativo, lutou pela Escola Normal livre, que, anexada ao Colégio do

Patrocínio, possibilitou a formação de Professoras, verdadeiros luzeiros iluminando a educação brasileira.

Em benefício da Saúde como um todo, desejando melhorar o preparo e a formação das Irmãs que trabalhavam nos hospitais, criou duas Escolas de Enfermagem, também destaques pela organização e eficiência.

Em 24 de outubro de 1958, comemorando o Centenário da chegada das Irmãs de São José de Chambéry ao Brasil, Madre Maria Jacintha lançou a pedra fundamental da primeira faculdade de Itu e da Região - a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio.

Grande devota de Nossa Senhora fez construir a mimosa Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida junto ao Externato Nossa Senhora do Patrocínio, onde funcionava também o Jardim da Infância.

Suas atividades no campo social e educacional mereceram-lhe a “Condecoração Oficial da Ordem Nacional do Mérito”, que lhe foi conferida pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, por decreto de 7 de setembro de 1958. E em 18 de outubro de 1962 a Câmara Municipal de Itu outorgou-lhe o título de emérita Cidadã Ituana.

Em 1964, Madre Jacintha deixou o governo da Província, que ocupara durante profícuos doze anos. Com muita dor no coração, mas com caridoso desprendimento, passou à nova Provincial o Colégio e a sua Faculdade. A tudo renunciara, menos à Causa da Beatificação, à qual dedicou os derradeiros quatorze anos de sua existência.

Até seus últimos dias fazia com fidelidade a meia hora de meditação, a leitura do Santo do dia e outras leituras espirituais. O último livro que leu foi o de Santo Inácio de Loyola. Amante da verdade, correta, compreensiva, a todos tratava igualmente, sendo sempre respeitada pelas alunas, Irmãs, funcionários e autoridades.

Após seis anos de sofrimentos com insidiosa moléstia, faleceu em 17 de setembro de 1978. Seu sepultamento foi verdadeira

glorificação. Autoridades de Itu, Irmãs de quase todas as comunidades da Província de São Paulo, ex-alunas, amigos, antigos funcionários do Patrocínio estiveram presentes nesse preito de homenagem e reconhecimento.

Para seu túmulo foi escolhido o local entre o de Madre Maria Theodora e o de Madre Josefina d'Anunciação (sua antecessora no governo da Província), no cemitério do Patrocínio - uma singela e humilde tumba naquele verdadeiro jardim da saudade.

Irmanadas pelo ideal e pela fé, Madre Maria Jacintha da Silva e Madre Anna de São José Camargo Barros caminhavam juntas e juntas trabalhavam fervorosamente pela Causa da Beatificação de Madre Maria Theodora Voiron. Ambas estimularam a publicação do jornal "Vozes do Patrocínio", recebiam e respondiam às cartas dos devotos e beneficiados de Madre Theodora, vindas de todo o Brasil.

Nascida no dia 18 de outubro de 1897 em São Paulo, Madre Anna de São José Camargo Barros pertenceu a uma família numerosa (oito filhos) e tradicionalmente cristã. Era seu tio o Bispo da Diocese de São Paulo, D. José de Camargo Barros, tragicamente desaparecido no naufrágio do "Sirius".

Um de seus irmãos, Jesuíta, foi ardoroso propulsor da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Teve também duas irmãs na Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado.

Primogênita da família, Anna exerceu o Magistério Primário em São Paulo. Professora dedicada e eficiente destacou-se também como Filha de Maria na Paróquia de Santa Cecília, onde conheceu as Irmãs de São José de Chambéry, dirigentes da Pia União.

Decidida a se consagrar a Deus, Anna solicitou sua entrada no Noviciado em 1924. Na prática dos exercícios espirituais mostrou-se entusiasmada e fervorosa, emitindo seus Primeiros Votos em 8 de setembro de 1926, surgindo então a Irmã Anna de São José.

Chamada para trabalhar na Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio, foi primeiramente Professora e depois Diretora. Ao lado de Madre Maria Jacintha, por trinta e seis anos dedicou-se à educação das alunas internas e externas do Patrocínio.

Em 1958, ano do Centenário da chegada das Irmãs de São José de Chambéry ao Brasil, foi nomeada Assistente Provincial junto a Madre Jacintha, em mais uma missão que as irmanava. Demonstrou, então, sua capacidade de atuação em toda a Província.

Em 1965, foi transferida para São Paulo, ocasião em que muito lhe custou deixar o Patrocínio e o convívio das jovens alunas. Entretanto, exemplo de obediência e disponibilidade, abraçou com carinho e retidão suas novas funções.

Após a morte de Madre Jacintha, plenamente, de alma e corpo, sozinha entregou-se à Causa da Beatificação de Madre Maria Theodora, visando o bem da Congregação e a glória para a Igreja.

Em 1978, a Secretaria da Causa foi transferida para Itu e Irmã Anna alegremente voltou ao Patrocínio. Seu apostolado revelava-se na atenção para com as pessoas que visitavam o túmulo da Fundadora e no atendimento à volumosa correspondência vinda de todo o País, de devotos de Madre Theodora.

Mesmo quando doente, em sua cadeira de rodas, Madre Anna era presença constante nas Horas Santas coletivas, nos retiros, nos encontros. Diariamente participava do Santo Sacrifício da Missa e fazia sua visita ao Santíssimo Sacramento.

No seu próprio quarto realizava o estudo em grupos, inteirando-se dos assuntos tratados nas reuniões comunitárias, se a elas não tivesse comparecido. Vivia intensamente a sua vida de Irmã de São José. Devota fervorosa de Nossa Senhora preparava-se com especial zelo para as festas comemorativas.

A enfermidade a obrigava a ir aos poucos se afastando de suas atividades. Sofreu com imensa paciência a triste reclusão. Entretanto, recebia frequentemente a visita de familiares e amigos e Jesus lhe deu a consolação de frequentes visitas de piedosos sacerdotes, o que lhe

proporcionou assistência religiosa muito profícua: D. Raymundo, Capelão da casa; Padre Paulo Grenier; Padre Deodato e outros.

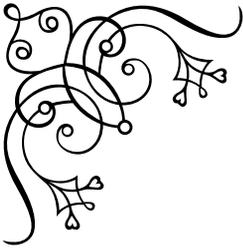
Em janeiro de 1985, teve a grande alegria da presença do Postulador da Causa, Padre Innocenzo Venchi, que estava em visita a Itu.

Em 30 de abril de 1985, vigília da festa de São José Operário e início do Mês de Maria, suas duas grandes devoções, faleceu suavemente a Mestra querida de tantas gerações. Após a Missa de corpo presente, celebrada por quatro sacerdotes, numeroso cortejo de familiares, amigos, ex-alunas e Irmãs acompanhou-a até o túmulo. A palavra amiga e eloquente de um Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio exaltou seus dotes de exímia Professora e exemplo de dedicação, caridade e compreensão, incentivando e estimulando a prática dos preceitos cristãos.

Neste terceiro volume de "Itu: presenças ilustres", a Academia Ituana de Letras - ACADIL deixa sua homenagem a Madre Maria Jacintha e a Madre Anna de São José, abençoadas estrelas da magnífica constelação de inestimável valor - a Congregação das Irmãs de São José de Chambéry em Itu.

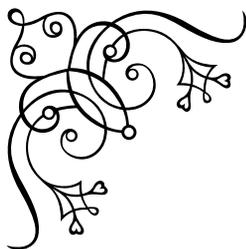
*Acadêmica Maria Angela Pimentel Mangeon Elias
Cadeira nº 17*





Monsenhor
Mário Negro

Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19



Monsenhor Mário Negro

Flores de maracujá

Quanta saudade! Monsenhor Mário Negro (1922-2006) foi o pároco responsável pela Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat, na vizinha cidade de Salto, desde a sua chegada, em 1968 como auxiliar, até sua morte em 2006, embora afastado da paróquia que comandou por quase 30 anos.

Como não destacar um capítulo especial, ou toda uma história da grande trajetória de vida deste sacerdote?

Para se recordar um pouco deste especial homenageado, há de se fazer uma retrospectiva ao passado, recordando toda sua luta, sua perseverança, seu entusiasmo.

No ano de 1970, Padre Alfonso Pastore iniciou o movimento do E.C.C. – Encontro de Casais com Cristo, em São Paulo no Bairro da Pompeia. No ano de 1975, Monsenhor Mário Negro arregaçou as mangas e partiu em busca de trazer o E.C.C. para Salto. Foi uma iniciativa de mestre e, aí foi lançado um grande desafio. Desde o primeiro instante vimos sua alegria e o propósito em levar adiante, com firme resolução, mais um movimento da Igreja voltado à Pastoral Familiar.

Os desafios surgidos nada o atemorizavam. Com firmeza e zelo pastoral não se contentou em ter o E.C.C. somente para os casais de Salto e incluiu e acolheu os casais de Itu, Porto Feliz, Elias Fausto, Monte Mor, Santana do Parnaíba, Cabreúva e Indaiatuba.

Por tudo isso Monsenhor Mário recebe, através das orações, toda nossa gratidão e carinho.

Muito conhecido em toda região, seu legado na cidade de Salto inclui, entre tantas outras realizações, a construção de igrejas, capelas e centros comunitários por toda cidade, bairros e periferias.

Outra lembrança importante foi a “missa das crianças”, celebrada nas manhãs de domingo. Ele, com seu entusiasmo próprio, saía às ruas “tocando bumbo” e chamando as crianças para a missa. A cada domingo o cortejo das crianças aumentava. O Padre Mário sorria satisfeito, cumprindo seu objetivo que era o de fomentar a fé cristã nas suas crianças.

Monsenhor Mário nasceu na cidade de Leme (SP) em 25 de agosto do ano de 1922. Ordenou-se sacerdote em 21 de junho de 1959.

Deixou o cargo de pároco de Nossa Senhora de Monte Serrat em 1997, mas continuou com o mesmo ardor apostólico presidindo a Eucaristia até o final de sua vida.

Monsenhor Mário tinha um sonho, a publicação do livro que deixou inacabado com a sua morte. Seus esboços abordavam um tema que ele muito acreditava: as principais relações do maracujá (flores e frutos) com a Paixão de Cristo.

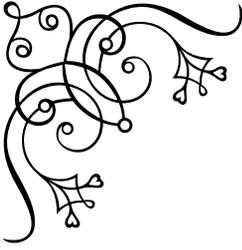
Quis, por providência divina, que ele entregasse todo o material coletado ao seu sobrinho Juliano Hypólito de Souza que com carinho formatou e editou o livro “Passiflora”, realizando o lançamento póstumo para familiares e amigos no dia 17 de dezembro de 2011.

E foi assim, de repente, que ele se foi. Choramos pelo seu falecimento em 16 de maio do ano de 2006.

Monsenhor Mário receba todo nosso carinho, amor e gratidão, e tenha certeza que em nosso coração haverá sempre uma oração elevada a Deus pelo dom de sua vida.

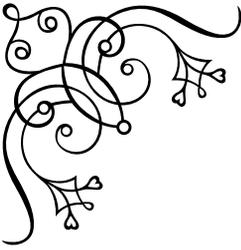
“As flores passam... A semente permanece para sempre!”

*Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19*



Dr. Olavo Silva Sousa

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30



Dr. Olavo Silva Sousa

Era cena comum antigamente, à Rua Paula Souza, entre os Largos da Matriz e do Bom Jesus, encontrar sentados, à porta de uma das velhas casas, gente com tampões nos olhos, que acabava de ser atendida pelo oftalmologista Dr. Olavo Silva Sousa. Era coisa diária. Ali ele trazia de volta a visão de quem o procurava, com notável paciência e gentil atendimento. Médico do tempo em que não se falava em humanização na medicina, ele agia com a cordialidade própria de seu gênio. Homem de paciência insuperável, ele se dedicou à medicina como verdadeiro sacerdócio.

Não era ituano, tornou-se por reconhecimento público de seus méritos junto ao povo de Itu. Nasceu no Siqueiro, distrito de Laguna, Santa Catarina, em 21 de novembro de 1904, filho de Thomaz Quirino da Silva e Amélia Joanna Martins da Silva. A família materna era descendente de proprietários rurais e vivia em uma fazenda onde o menino Olavo nasceu. Fez os primeiros estudos na escola local, sem muitos recursos educativos.

Por convite de um tio materno, o Capitão Irineu Augusto de Sousa (1868 – 1950), proprietário da Farmácia Sousa, transferiu-se para Itu em 1919, na companhia de dois primos, onde poderia continuar os estudos. Sua nova família, cuja figura materna era a esposa do Capitão Sousa, Sra. Laura Portella, vivia no mesmo prédio da farmácia, na Rua Floriano Peixoto.

O jovem Olavo fez por merecer, estudou no Externato São

José, na classe especial para meninos do Colégio Patrocínio e, posteriormente, foi aluno da classe do Prof. José Leite Pinheiro, sempre com ótimo aproveitamento. Em seguida cursou o Ginásio Culto à Ciência e o Colégio Diocesano Santa Maria, em Campinas.

Com 22 anos foi admitido na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, para onde se mudou, sempre apoiado pelos tios de Itu. Os estudos transcorreram com sucesso e, em 1931 se formou médico, na mesma turma do Dr. Luís Gonzaga Novelli Júnior e Dr. Emílio Chierighini.

Retornou para sua terra em 1932 e ali viveu por dois anos, entre Laguna, Gravatal e Braço do Norte, atendendo como médico em colônia de alemães.

Dois anos depois foi viver em São Paulo, para cursar especialização em obstetrícia. Nessa época, se interessou por estudos de Profilaxia da Lepra, a hanseníase. Estudou mais uma especialidade, doutorando-se com a tese “A intercorrência da Tuberculose na Lepra.” Transferiu-se definitivamente para Itu, para atuar como médico clínico no Hospital Dr. Francisco Ribeiro Arantes, (Pirapitingui), colônia de tratamento de hanseníase, na qual foi nomeado Diretor, em 1955.

É de sua autoria o estudo “A sulfonoterapia”, apresentado ao Instituto Conde Lara, especializado ainda no tratamento da lepra.

No Pirapitingui atendeu por duas décadas, todas as manhãs, buscando minimizar o sofrimento dos internos.

Atuou como médico clínico também na Santa Casa de Misericórdia, instituição da qual tomou parte da mantenedora por algumas gestões.

Durante décadas foi médico das Irmãs de São José, no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, atendendo suas antigas mestras e toda a comunidade das religiosas. Naquele contexto, em 1970, foi responsável pela exumação dos restos mortais da Madre Maria Theodora Voiron, exigência para a sua causa de beatificação. Identificou os despojos encontrados e tratou-os, para maior conservação.

Estudou a Oftalmologia, em São Paulo, atuando em seu consultório, por mais de cinquenta anos. Por bom tempo foi o único especialista na área em Itu. Serviu também como médico-oculista, como se dizia naquele tempo, com atuação voluntária e gratuita, no Ambulatório Nossa Senhora do Carmo.

Casou-se em 1939 com a Profa. Marina do Amaral Carvalho. Tiveram oito filhos.

A casa sempre alegre, movimentada, pela turba dos filhos e seus amigos contrastava com o ambiente austero do consultório, que ocupava duas salas contíguas do mesmo prédio. Ali reinava a aparelhagem antiga da oftalmologia, caixas de lentes, a luz velada por cortinas e, em um dos cantos, o esqueleto humano completo, encontrado no quintal das Irmãs de São José, que metia medo em gente pequena.

O dr. Olavo era um homem elegante, magro, de estatura mediana, cabelos brancos, um tanto calvo, rosto miúdo. Discreto, falava baixo. A prosa era mansa, frases construídas com palavras bem pensadas, raciocínio invariavelmente pouco emotivo, impunha respeito apesar do olhar simpático e convidativo.

Em tempos de férias, caçava. Mantinha um canil no quintal, com perdigueiros e belos pássaros nas gaiolas, que alegravam o ambiente.

Conheci-o bem, pois éramos parentes distantes, mas de convívio próximo, porque nos atendeu nas maiores aflições, zelo que seus filhos mantiveram com a nossa geração de órfãos, em casa. Visitava-nos com frequência, sempre acompanhado da sua elegante esposa, dona Marina, dessa gente que não se faz mais, gentil ao máximo, entusiasmada com os projetos, as novidades, o sucesso da vida dos parentes e amigos. Concertista ao piano, em casa sempre tocava La Cumparsita aos visitantes, sorriso sincero, gente de brio. Ele a admirava com infinito carinho.

Nós, de casa, os tratávamos como tios porque eram muito presentes. Chamava-nos a atenção a sua modéstia e dignidade. Ja-

mais se os ouvia falar de questões alheias, conversa que não construísse amizade e respeito.

Naquele tempo em que se faziam visitas, o casal chegava a nossa casa aos domingos à noite. Era sempre uma alegria, a prosa, a atenção que dava aos jovens sobrinhos. Conversava, queria saber da nossa vida, contar alguma coisa da sua trajetória, sempre discreto. Ao falar tinha um ritmo próprio, interrompia a frase, cruzava a perna, pensava um pouco e retomava-a sempre usando o argumento “mas, sabe...”.

A cidade de Itu reconheceu no Dr. Olavo os méritos de sua atuação profissional, de seu desempenho dando-lhe o título de Cidadão Ituano, quando completava 50 anos de atividade profissional, 1982.

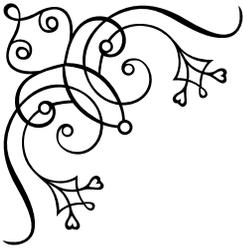
Viveu os últimos anos de vida cercado do carinho de seus filhos e de sua inseparável esposa. Faleceu em 28 de maio de 1991, aos 86 anos.

O Governo do Estado de São Paulo homenageou-o nomeando o Ambulatório Médico de Especialidades de Itu, que funciona no bairro Pirapitingui, desde 2011 com o seu nome. Antes disso, a Santa Casa de Misericórdia já havia emprestado o nome para dignificar o Pronto Socorro.

No plano pessoal, não há como se esquecer daquela figura quase paterna, medida de nossa educação e postura. Quando adolescente, desfrutei de boa prosa em sua companhia. Era zeloso na condução do nosso futuro, aconselhando o melhor caminho para a vida adulta, profissional e socialmente. Homem distinto, sobretudo pelo Bem que emanava do olhar eternamente amigo.

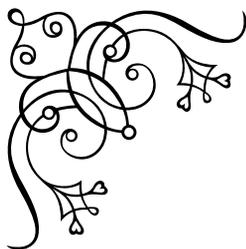
*Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30*





Olga Benário Prestes

Acadêmica Durce Gonçalves Sanches
Cadeira nº 14



Olga Benário Prestes

Bem vinda a Itu, Maria Bergner! O seu nome marcou a nossa história pela luta contra as desigualdades e injustiças sociais. Ei-la no Brasil, onde ficou conhecida como Olga Benário. Ei-la nesta terra como Olga Benário Prestes! Seu nome, motivo de júbilo para nós, entrou pelo portal da Educação, ficando singularmente estampado na modesta escola situada na Vila Progresso, na Avenida Primavera, 126, nesta grandiosa Terra da Convenção.

Olga Benário nasceu em Munique, Alemanha, em 1908. Sua família era judia e vivia, nessa época, momentos difíceis como toda Europa de então, mesmo pertencente à classe média, pois seu pai era um bom advogado e sua mãe considerada uma *socialite*.

Em 1926, com apenas quinze anos de idade, Olga Benário ingressou para o Partido Comunista Alemão, mas, após três anos, foi presa sob a acusação de estar traindo o partido. Logo que foi libertada, partiu para a União Soviética onde começou a trabalhar em movimentos comunistas de cunho internacional.

Na Internacional Comunista – como eram chamados os tais movimentos – foi que conheceu Luís Carlos Prestes, um importante revolucionário brasileiro, cujos ideais convergiam para os mesmos princípios de Olga. A partir de então, ela foi designada para acompanhar o grande líder político, o qual tinha apoio de Moscou para a instalação em seu país de um governo verdadeiramente revolucionário.

Por volta de 1935, chegaram ao Brasil Olga e Luís Carlos Prestes e ambos passaram a viver na clandestinidade, por causa do momento político nacional. Nessa época, o líder político foi chamado à Aliança Nacional Libertadora para acionar os movimentos da esquerda e antifascistas, entre os quais os comunistas. Nesse mesmo ano de 1935, houve um levante armado em Natal, não havendo apoio dos militares, conforme o prometido.

Diante de tantas e insuperáveis dificuldades ocorridas, Olga e Prestes foram capturados pela polícia brasileira, em 1936. Desrespeitando acordos prévios, Vargas, então Presidente da República, covardemente, ordenou que Olga fosse deportada para a Alemanha Nazista, onde foi entregue à Polícia Política Alemã, a Gestapo, e enviada ao campo de concentração, em Ravensbruch, onde, em 27 de novembro de 1936, após duros sofrimentos, deu à luz Anita Benário Prestes. Esta foi entregue à avó paterna para que dela cuidasse durante o período em que Olga estivesse presa, mas, em 1942, Olga foi executada pelos nazistas em uma câmara de gás. Prestes, além de perder a companheira amada, também perdeu a patente de Capitão e, ainda assim, lutou pela libertação.

Na manhã de 26 de janeiro de 1987, o prefeito ituano Lázaro José Piunti recebeu Luís Carlos Prestes e sua filha Anita Benário Prestes – historiadora brasileira – quando ficamos honrados em abrir as portas da unidade escolar com o nome de Olga Benário Prestes, assim nomeada por meio do Decreto nº 26667, publicado em 27 de janeiro do mesmo ano.

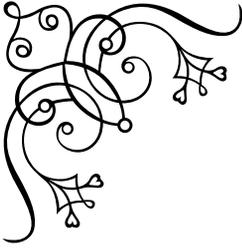
A escola Olga Benário Prestes, com todo o esmero possível, atende aos alunos da comunidade, prestando uma educação de qualidade e à altura do nome que ostenta. Hoje, essa unidade escolar é mantida pela Secretaria Municipal de Educação, em convênio com o Estado, e cujo diretor, coincidentemente, chama-se Luís Carlos, porém, Vieira.

Segundo alguns historiadores, Olga Benário ganhou a simpatia daqueles que realmente entenderam a participação política.

Ela lutou por amor a seus princípios e ao fiel companheiro. No campo de concentração, muitas vezes animava suas companheiras, fazendo-as levantarem de madrugada para exercícios físicos, pois alegava que logo sairiam daquele inferno e deveriam estar preparadas para reconquistar seus maridos e seus lares. As atividades físicas, para ela, rejuvenesciam as companheiras e ainda as preparavam para a constante luta. Seu espírito era imbatível e assim deve ser para todos os que lutam, principalmente, no campo de inesgotáveis seduções como é a Educação.

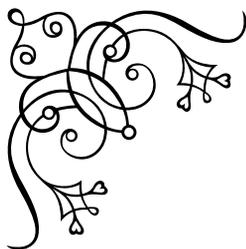
Acadêmica Durce Gonçalves Sanches
Cadeira nº 14





Ottília de Paula Leite

Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30



Otília de Paula Leite

Na década de 1980, ainda se ouvia a sua belíssima voz de soprano, timbre privilegiado, voz lapidada para o bel canto, talento de educação musical notável: era a Ottilinha, como a chamávamos que cantava com minha mãe e tias paternas no Coro do Bom Jesus. Sua figura excepcional impunha dignidade a qualquer ambiente, gestos refinados, habitual cordialidade, incapaz de uma palavra grosseira, uma atitude deselegante.

Nasceu em Itu, a 2 de abril de 1917, descendente de duas famílias tradicionais da terra. Era a oitava e última filha de D. Othília de Camargo Penteado (1874 – 1946) esta, filha do velho fazendeiro ituano, Indalécio de Camargo Penteado, proprietário da Fazenda Conceição, no bairro do Pedregulho, e de Carlos de Paula Leite de Barros (1862-1925), também fazendeiro, que administrou terras em Porto Feliz e Descalvado, mudando-se para Itu no início do século XX.

Ottilinha teve por irmãos Maria José, José, Leonor, Carlos, Antonio, Alice e Helena. A família vivia em um belo casarão, esquina da Rua Floriano Peixoto com Rua do Bom Jesus, de propriedade do tio da Ottilinha, Dr. José de Paula Leite de Barros, posteriormente adquirido pela família Simeira.

Ottilinha ficou órfã de pai aos oito anos, situação que obrigou a mãe a exercer uma função remunerada. D. Othília foi conservadora do Museu Republicano Convenção de Itu, figura marcante

na história da instituição, trabalhando na organização do acervo com o Dr. Afonso d'Escragnole Taunay.

A proximidade com a Igreja do Bom Jesus fez com que a menina Otília fizesse ali o catecismo para a primeira comunhão. Nesse templo, marcado pela atuação dos Jesuítas, a menina participou da Cruzada Eucarística criada pelo Irmão Olavo Pereira, verdadeiro celeiro de formação cultural e religiosa. Entre os anos de 1925 e 1935, época da infância e juventude a menina Ottilinha deu seus primeiros passos na vida artística. Ainda com sete anos, em 28 de janeiro de 1925 se apresenta na cena infantil A pequena Cantora, em companhia de outras meninas de sua idade no Salão Padre Taddei. Talvez seja a sua primeira atuação.

Esses encontros culturais eram promovidos a fim de despertar o gosto pela cultura musical, para envolver os jovens com as coisas da Igreja e para evitar que o tempo livre fosse gasto em atividades destoantes da cultura religiosa.

Já em 1928, com onze anos, canta o dueto As Amazonas com Maria de Lourdes de Oliveira Camargo. Aos treze anos desponta como solista, cantando, em 30 de novembro de 1930 a canção "O meu senhor padre cura". Esses eventos, organizados na Solene Distribuição de Prêmios do Catecismo, reuniam adultos e crianças, com recitação de poemas, apresentação de cânticos, e concertos musicais.

Em 8 de dezembro de 1929 Ottilinha ingressou na Congregação Mariana da Imaculada Conceição, no Bom Jesus, grupo feminino de jovens que ela frequentou com ardor até o fim da vida.

Por seus dotes artísticos e presença entre as Filhas de Maria, logo foi convidada pela organista da igreja, Maria Isabel Pacheco Jordão, sua vizinha, para ingressar no Coro do Bom Jesus, formado por senhoras de bastante idade - e grande experiência na área - que a essa época se renovava com a presença das jovens. O grupo se apresentava em missas e rezas daquela comunidade com repertório importante, formado por obras romanas de música sacra, trazi-

das pelos jesuítas e, ao mesmo tempo, por músicas antigas de Itu, de Elias Lobo e Tristão Mariano.

Ainda se a vê cantando, a 23 de junho de 1935, "Marina", canção para soprano solo. Nesse ano se formou como aluna do Curso Normal do Externato Nossa Senhora do Patrocínio, onde também teve formação cultural e artística, estudando piano e canto e se exibindo em eventos da instituição.

A formação no Patrocínio preparava as jovens para o magistério em escolas públicas do Estado, mas também para serem damas na sociedade. Ottilinha, que nasceu gentil, lapidou a já notável educação de família, naquele ambiente afrancesado, rigoroso. Quem conviveu com ela experimentou a doçura de seus gestos e palavras.

Sua atuação como professora se deu, praticamente toda, na cidade de Salto, lecionando no Grupo Escolar "Tancredo do Amaral". Iniciou oficialmente o magistério em 28 de maio de 1936, um mês depois de ter sido emancipada judicialmente, a fim de receber pequena herança deixada pelo pai.

A docilidade de seus gestos também esteve presente na sala de aula, convivência marcada pela alfabetização segura de dezenas de turmas, com festinhas escolares sempre animadas pela música dos cânticos que ensaiava com as crianças. Durante breve período de tempo, exerceu a direção da escola, em 1947. Aposentou-se em 30 de maio de 1964 no mesmo Grupo Escolar do Salto.

Em Itu, Ottilinha cantou em diversos coros das igrejas, no Carmo, durante as novenas, na Matriz, nas missas solenes do domingo e no Bom Jesus, onde esteve sempre muito presente. Cantou também no Coral "Vozes de Itu", na década de 1970, deixando saudosa passagem pelo grupo. Cantava também os Motetes para a Procissão de Passos, ensaiados no auditório do Regente Feijó pela Maestrina Ruth de Castro.

Após a morte da mãe, Ottilinha mudou-se com a irmã, Alice, para a Rua Santa Rita e posteriormente viveu com os sobrinhos José Carlos, Maria Othília e Maria Luiza de Toledo Piza, na casa do

Largo do Bom Jesus. Lembro-me dela ali. A casa ostentava bibelôs de família e o velho piano alemão.

Tive o privilégio de acompanhá-la, ao harmônio, diversas vezes, inclusive para o famoso Sermão das Sete Palavras, as Três Horas de Agonia. Entre 1984 e 86, na quinta-feira santa, logo depois do almoço fazíamos o último ensaio para as partes solistas da cerimônia do dia seguinte. Otilinha, invariavelmente, cantava a Quarta Palavra. Já não tinha a vitalidade de outros tempos para locomover-se até a igreja, mesmo morando por ali. Combinávamos chegar antes do grupo, para ir sem pressa para a igreja, pro-seando. Muitas vezes a acompanhei no curto percurso até o Bom Jesus; ela carregava sempre uma pequena bolsa, que compunha o quadro da sua aparência, de cabelos sempre bem penteados. Fazia parte daquela parcela de senhoras que não usava calças compridas. Sua toailete sempre foi de vestidos e saia e blusa em cores pouco chamativas.

Ao chegar à escada do coro, íamos subindo vagarosamente, descansando aos poucos. Só então é que, com o velho caderno de partituras, experimentávamos a melhor tonalidade para a peça, que exigia qualidade vocal. Para ela também o tempo foi inexorável e sua voz foi perdendo os agudos tão característicos. Finalmente, acertada a afinação do instrumento, iniciávamos o ensaio. De dentro dela vinha então a maviosa voz de sempre, aquele soprano dramático, tão afinada, cheia de harmônicos, de um timbre agradávelíssimo. A interpretação era notável, frases levemente alongadas, para valorizar o texto. O volume brotava em meio à frase.

A música da Quarta Palavra, é uma obra em língua portuguesa, composta por Rosati, meditação ao “Meu Deus, por que me abandonastes?” dito por Jesus, pregado à Cruz. Porém, na música, não é Jesus falando para o Pai, mas a Humanidade dizendo “Antes, oh Deus, morrer do que pecar!”. A música, romântica, apela para o sentimentalismo, qual trecho operístico, pede voz potente, mas doce, provocando os sentidos de quem a ouve. Na

sexta-feira santa, Ottilinha conduzia magistralmente esse fraseado, como um pássaro que nos lembra a chegada da estação: está no fim, Jesus vai morrer!

A igreja do Bom Jesus apinhada de gente, o grande calvário montado junto ao altar, um silêncio extraordinário e a sua voz rompendo-o com aquela música tão bonita, tão forte, tão sentida. É a marca maior do seu gênio artístico.

Ottilinha preservou sempre excelente memória musical. Lembrava-se de melodias que já não se cantava havia muitos anos. Corrigia, delicadamente, as frases que por engano se trocavam.

Nos últimos anos de vida conviveu bastante com a personalíssima amiga Maria Cecília Bispo, patrona de uma das cadeiras da ACADIL. A casa de Cecília, sempre cheia de padres, amigos que rezavam e proseavam sobre as coisas da igreja, contou com a gentil Ottilinha, cuidadosa nos comentários, prudente nas conversas.

A Profa. Otília de Paula Leite faleceu solteira, em 10 de maio de 1987, após curta moléstia. O desgaste emocional dos últimos meses de vida, porém não apagaram o brilho de sua presença marcante. Aos setenta anos ainda trazia a bela feição dos tempos da juventude.

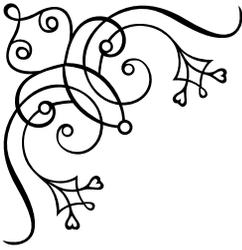
Sua morte encerrou um ciclo de cantoras de formação lírica, ouvidas na igreja, cuja atuação ininterrupta teve início com Maria Augusta da Costa, esposa de Tristão Mariano.

A cidade de Salto homenageou-a com o nome de uma escola estadual, no Jardim Elizabeth, criada em 14 de novembro de 1990.

O Museu da Música preserva algumas gravações de sua atuação artística.

*Acadêmico Luís Roberto de Francisco
Cadeira nº 30*





Frei Pascásio Rettler

Acadêmica Silvia Czapski
Cadeira nº 04



Frei Pascásio Rettler

O frei que amava todas as formas da criação

Foram os franciscanos da Alemanha que primeiro lembraram, em 26 de janeiro de 2015, do centenário de nascimento do Frei Pascásio Rettler, franciscano que escolheu, para seus últimos anos de vida, ser capelão entre os hansenianos em Itu. Hoje ele empresta seu nome a uma Unidade Básica de Saúde no Bairro Cidade Nova. Não por acaso.

Nascido na Alemanha, onde viveu até os vinte anos, Hermann Rettler – nosso Frei Pascásio – optou pela missão religiosa e pelo apoio aos mais pobres no Brasil, chegando a Bispo Emérito de Bacabal, no Sul do Maranhão. Ou “bispo sem mérito”, pois o mérito é todo e somente Dele”, como gostava de lembrar.

Já perto da aposentadoria, obrigatória aos setenta e cinco anos, soube da vacância do posto de capelão do Hospital Dr. Francisco Ribeiro Arantes, o Sanatório de Pirapitingui. Decidiu “encerrar sua vida junto daqueles com os quais São Francisco iniciara a sua vida de conversão”, como descreveria em 2004 o Arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, referindo-se à famosa descrição do encontro do santo com um leproso.

Fé, otimismo e alegria – suas marcas – ajudaram-no a cumprir esse objetivo. O bispo chegou a apelar ao então Papa João Paulo II para superar a barreira da demora do processo de nomeação

que, graças a isso, veio no próprio dia em que completou setenta e cinco. Chegando ao distrito de Pirapitingui, a nova cruzada foi para que ele – pessoa sã – pudesse morar entre os doentes, como desejava. Questão que se resolveu num encontro com o então Secretário Estadual da Saúde.

E, como em muitas outras ocasiões, a comunidade do município alemão onde o religioso nasceu enviou-lhe os recursos necessários para a construção da sonhada moradia dentro do Sanatório. Foi lá que eu o conheci pessoalmente em novembro de 1995.

Por telefone, Frei Pascásio aceitara ser o “Personagem” do mês de dezembro daquele ano do Urtiga, jornal da Associação Ituana de Proteção Ambiental (Aipa) distribuído a sócios, jornalistas, ONGs ambientalistas e como encarte dos jornais A Federação, Periscópio e República de Itu. Fato raro, não mencionado na reportagem: meus pais – também de origem europeia – acompanharam-me nessa entrevista, contribuindo para contextualizar o que ouvi. Acompanhe:

AMAR TODAS AS CRIATURAS

“Num canto da sala, uma cortina esconde o altar, que está lá como que de plantão para celebrar uma missa quando necessário. Sobre a escrivaninha, dessas simples em metal pintado, muitos papéis. Dispostos num monte, livros sobre São Francisco. Com simplicidade, o franciscano octogonário Frei Pascásio Rettler conta que separou as obras para preparar uma nova conferência. Ele não contabiliza os convites que recebe. Se querem, fala português e depois em alemão, sua língua natal.

Na parede, perto do piano, uma foto antiga da família na Alemanha e outra do pai tocando este instrumento. Um terceiro quadrinho resume períodos importantes da vida do frei: há o símbolo de Castrop-Rauxel, cidade onde nasceu, e a representação de Bacabal, Maranhão, onde foi bispo emérito por vinte e dois anos.

“Depois que saí de lá, um pistoleiro pôs fogo na casa onde reuni-

amos a comunidade. Declarou isso na rádio e nada aconteceu. Aquela é uma região difícil. Tem colônias de pretos, descendentes de escravos. Estão lá há gerações, com documentos dados pelos brancos. É gente boa. Mas lá não tem invasão de terra, tem expulsão com violência. Nós defendemos os lavradores, nunca com violência. Contratamos um advogado. Ele usava a lei para garantir o direito de ficarem.”

Perguntado sobre o movimento dos sem-terra, o franciscano comenta: o que ocorre hoje é consequência lógica da falta de reforma agrária boa, isto é, com assistência técnica, que há trinta anos ele pede às autoridades. Frei Pascásio pensa que a terra não deve ser doada. Apenas cedida, sem direito à venda. E assistência é fundamental. Senão o assentado logo terá que comercializar o pedaço recebido.

Tradição. O frei vai até um armário alto e estreito. Está lotado de partituras de música religiosa e profana. “É um tesouro”, interpreta. “Graças a isto, posso reunir um grupo para ensaiar semanalmente”. Dos oitocentos e setenta hansenianos que vivem no Hospital Francisco Ribeiro Arantes, bairro Pirapitingui, cerca de vinte participam do coro criado pelo capelão. A música ajuda lembrar a tradição. Sem tradição, avisa, todo o mais se perde. Cada comunidade pode e deve guardá-la.

- Frei Pascásio, qual sua idade?

“Acho que vou fazer oitenta e um”, comenta, fugindo também de dar a data de aniversário “Deve ser em janeiro...” diz vagamente.

Até os anos 30, relembra, havia uma rixa na Alemanha entre luteranos (protestantes) e católicos. A ponto de os luteranos comemorem a data de nascimento da pessoa e, em contrapartida, católicos festejarem o dia santo do primeiro nome. Por exemplo, João, no dia de São João. Mas não é isso que o encabula. Mesmo porque no Brasil a tradição é outra e, na Alemanha, acabou a rixa entre cultos. Todos se respeitam. O capelão de Pirapitingui apenas prefere não pensar na idade.

- E o que são todos estes objetos na sua sala?

Ele olha para as miniaturas e pequenos brinquedos, espalhados sobre os armários, o piano e a mesa da sala. Seleciona uma águia de plástico, daquelas vendidas em lojinhas. Equilibra-a no seu dedo indicador, pela ponta do bico. Diz: “Muitas destas coisas eu ganhei. É tudo útil em minhas pregações. Palavras, as pessoas esquecem. As imagens ficam. Pense quanto que eu posso falar sobre equilíbrio, mostrando esta ave assim”.

Já seis anos em Itu, Frei Pascásio adquiriu um costume. Toda manhã sai de casa para uma caminhada, que inclui a parada no supermercado. “É aí que encontro pessoas que posso ajudar.” Meio dia, ele sabe. Toca o sinal de almoço no hospital e logo começa a soar a campainha da sua casa. São os fiéis que o procuram. Dia e noite, ele está sempre disponível.

Ecologia. Nascido na Alemanha, Frei Pascásio estudou num seminário na Bélgica, que preparava religiosos para o Brasil. Em 1935 chegou a Santa Catarina. Foi onde auxiliou na primeira missa do catarinense Paulo Evaristo Arns. Depois, serviu em vários estados, antes de chegar ao Maranhão onde ficou até 1989. Não imaginava vir depois a Itu. “Foi Deus quem mandou”.

Daqui, ele contata amigos e parentes na Alemanha, para ajudar os hansenianos. “Eles enviam remédios, próteses, roupas e equipamentos hospitalares. Recentemente conseguimos instalar uma UTI no hospital”, diz contente. Para agradecer, Frei Pascásio envia aos doadores fotos dos doentes em tratamento. E retratos das obras, como a recém-construída capela de São Francisco de Assis, em Pirapitingui. “Nada disso é meu. Tudo, da comunidade”, ressalta.

- Frei Pascásio, por que os franciscanos são tão ligados à natureza?

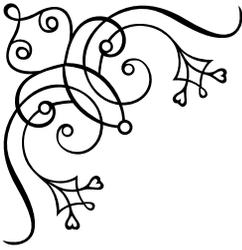
“Talvez ninguém mais de que São Francisco mostrou que é preciso manter o respeito diante de toda e qualquer criação, pois ela revela o Criador. Ou seja, amando a criação, chega-se ao Criador. Daí o amor aos animais, às plantas, a todas manifestações da

natureza. Foi São Francisco quem disse: olhai os lírios do campo”, encerra. [“Urtiga”, Ed. 101, dez/1995]

Frei Pascásio permaneceu mais oito anos, após essa conversa, entre os hansenianos. Em 2003, com saúde fragilizada transferiu-se para a Fraternidade "Bom Jesus dos Aflitos", em Sorocaba, vindo a falecer em setembro de 2004.

Acadêmica Silvia Czapski
Cadeira nº 04





Paulino
Domingos Piotto

Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19



Paulino Domingos Piotto

O carteiro e o poeta

Nosso biografado, Paulino Domingos Piotto, nasceu em Itu no dia 2 de maio do ano de 1924. Foi jornalista, carteiro e poeta. Não poeta de versos rimados, mas enfatizava suas escritas como um vibrante poeta. Foi aí que a paixão pela Literatura o levou a frequentar o Clube da Poesia, em São Paulo.

No ano de 1942 ingressou como funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos em Itu sendo, posteriormente transferido para a Capital, onde construiu uma teia de amizades com inúmeros dos destinatários da correspondência que lhe incumbia entregar. Permaneceu na repartição até o ano de 1976, quando se aposentou.

Seu trabalho áspero e laborioso não o impediu de encontrar tempo para se dedicar à sua vocação jornalística.

Nos idos do ano de 1947, tornou-se um jornalista profissional.

O contato constante com jornalistas, poetas e escritores renovou em Paulino Piotto um antigo interesse pelo jornalismo e pela imprensa. Foi fundador do Almanaque Ituano com curiosidades da sociedade ituana.

No mês de maio de 1978 enveredava-se para o trabalho de propagandista, colocador de cartazes e rabiscador de papéis, um serviço igual a de carteiro.

Suas primeiras colaborações foram no ano de 1943 no Jornal “A Federação” de Itu, dando início então a vários outros jornais existentes na época. Foi correspondente em Itu, do jornal A Gazeta Esportiva, permanecendo como tal por mais de 50 anos. Foi colaborador também dos jornais A Gazeta de Itu e a Voz de Itu; no jornal Taperá, de Salto e com a Tribuna das Monções, de Porto Feliz. Militou também como comentarista esportivo na Rádio Convenção de Itu e durante muitos anos foi jornalista responsável pelo Jornal República de Itu.

Foi deveras notória a emoção do velho guerreiro Paulino Piotto com o sucesso alcançado no lançamento ocorrido no mês de maio de 1978 da Revista Efemérides, de sua autoria.

O interesse despertado foi de encontro ao seu objetivo, que era atrair os ituanos para sua História, Tradição, Costumes e, principalmente, o de recordar e evocar sua gente, suas personalidades e suas figuras mais populares.

No ano de 2008 no dia 31 de outubro ele lançou seu livro intitulado: “Memórias de um Carteiro Antigo” que teve uma brilhante repercussão nos meios literários. Que bom que o velho e estimado Paulino Piotto viveu para ver suas projeções confirmadas.

Era uma figura incansável! Com frequência era visto andando pelas ruas da cidade. Tinha então um problema nas pernas o que o obrigava a se apoiar na sua inseparável bengala, mas, nem mesmo isso o fazia se curvar. Jamais perdeu sua dignidade.

É acadêmico imortal da Academia Ituana de Letras (Acadil), ocupando a Cadeira de nº 29, que tem como Patrono João Tibiriçá Piratininga.

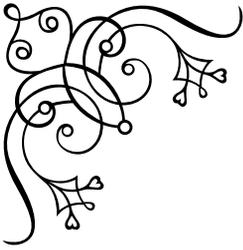
Paulino Domingos Piotto lutou até o último segundo de seus oitenta e cinco anos pela sua ardente obsessão de registrar suas efemérides com datas de registros sempre impecavelmente corretos.

Amanheceu triste o dia nove de outubro do ano de 2009 quando tivemos a notícia da morte do jornalista Paulino Domin-

gos Piotto. Foi uma perda para sua esposa Lourdes da Silva Piotto, seus dois filhos, amigos e para todos nós que aprendemos a admirá-lo.

Acadêmica Ditinha Schanoski
Cadeira nº 19





Silvestre
Pereira de Oliveira

Acadêmica Leonor Zaparolli Carpi
Cadeira nº 15



Silvestre Pereira de Oliveira

Uma história; uma vida pela música

Começo de século. Na cidade de Salto, conhecida como celeiro de artistas, havia um reduto de músicos: o lar de Antonio Pereira de Oliveira e de Hermínia Rosa Chagas de Oliveira, ela competente acordionista e Antonio, exímio músico, famoso requinteiro na região, que além da difícil requinta, tocava todos os instrumentos que compunham uma banda de música. Seu pai, avô de nosso homenageado, também era músico. Antonio era conhecido como maestro Totico e regia a Corporação Musical Saltense. Nesse lar alegre e musical aos 29 de julho de 1906, vem ao mundo o filho Silvestre Pereira de Oliveira, “Vete” para os familiares.

Respirando sensibilidade e música, cresceu o menino prodígio, em cujas veias corria o DNA musical, a semente da deusa música que prolífera germinaria incontáveis criações. Aos dez anos, Silvestre já era excelente clarinetista e atuava como solista na banda de seu pai. Desde menino já compunha, sendo sua primeira e importante composição o dobrado “Ordem e Progresso” feita com apenas onze anos de idade em 1917. Autodidata, divinamente inspirado, ainda adolescente já tocava todos os instrumentos que compunham uma banda e mais tarde todos de uma orquestra. Com dezesseis anos, em 1922, foi o criador e regente da Orquestra de Câmara Flor da Mocidade, da cidade de Salto.

Aos vinte e dois anos de idade conhece e encanta-se com a beleza e recato da jovem Maria Rosa Pedrina, que viria a ser sua eterna musa inspiradora. Em 21 de setembro de 1929, na Igreja Nossa Senhora da Candelária de Itu, unem-se pelo matrimônio. A Virgem da Candelária realmente abençoou esse enlace, pois, viveram juntos por sessenta e sete anos, numa comovente história de amor e fidelidade, talvez a mais bela que conheci! Tiveram três filhos, todos nascidos em Itu, Maria de Nazareth (morta apenas recém-nascida), Valderez Maria e Agostinho.

Sua presença em Itu foi muito marcante; com vinte anos, foi maestro da Banda União dos Artistas de 1926 a 1928 e mais tarde de 1931 a 1933. Outro fato importante de sua atuação em Itu foi a formação da Corporação Musical Infanto-Juvenil São Pedro em 1978, quando o patriota e idealista maestro, auxiliado por seu filho Agostinho, recrutou, ensinou a todos e regeu com sucesso a referida banda, formada por meninos, meninas (novidade à época) e adolescentes. Na Semana da Criança, em outubro de 1978, peregrinou por todas as escolas ituanas recrutando crianças e juvenzinhos para dialogar com outras crianças através de notas musicais. Despertava nelas o interesse musical, ampliando seus horizontes, atraindo-as para o belo, desviando-as do mau caminho e encantando a todos, funcionários e mestres. Para sua tristeza, a especial banda, que era seu orgulho, atuou apenas até 1979, sendo desfeita por motivos alheios à sua vontade.

Personalíssimo, elegante, sério, cortês e respeitador, o ativo maestro tinha como ponto de honra sua palavra, que valia mais que sua assinatura. Tinha sempre um emprego paralelo, com o qual sustentava muito bem sua família, tendo sido empresário no ramo de extração de areia e funcionário da prefeitura, pois da música nada monetariamente recebia. E olhem que foram centenas e centenas de partituras escritas manualmente com perfeição, em horas e mais horas, madrugada adentro. O amor à música o tornava incansável. Entregavam-lhe uma letra e em poucas horas

compunha a música, como acontecia sempre; música sempre rica, nunca repetitiva. Foram muitas composições em parceria com o Dr. Archimedes Lamoglia e outros letristas. Era uma fonte inesgotável, onde a música, qual água viva, vertia incansavelmente. Foram mais de quinhentos trabalhos incluindo composições, letras e arranjos.

Em agosto de 1955 compôs vitorioso dobrado “Itu, Berço da República”, gravado em disco pela Copacabana e executado por diversas vezes no programa “Onde canta o sabiá” na Rádio Bandeirantes. Compôs, em 1980, para a letra do Coronel Walter Albano Fressatti, o premiado “Hino do 2º. GACAP - Grupo Deodoro-Quartel de Itu” e a também premiada “Quartel em Festa”, músicas até hoje executadas no referido quartel. Teve muitas composições premiadas durante o transcorrer de sua brilhante e vitoriosa carreira musical. Foram dezenas de medalhas, troféus, diplomas e homenagens recebidas, sendo que pela Funarte foram quatro disputadíssimos troféus. Recebeu também a importante medalha “Carlos Gomes” da cidade de Campinas.

Na Corporação Musical Saltense desde 1952, doou por mais de quarenta anos seu talento, sua vida, seu amor. Sabia ele da importância das bandas do interior, como promotoras de lazer e alegria e de seu papel fundamental na formação de novos músicos e na revelação de grandes talentos, como Carlos Gomes, músico de banda em Campinas e Eleazar de Carvalho - internacionalmente conhecido - que foi baixo-tuba na Banda dos Fuzileiros Navais.

Foi formador de bandas, orquestras e corais em cerca de doze cidades, sendo que sua vasta e inspirada atuação não se restringiu apenas a Salto e Itu, mas levou sua arte a dezenas de cidades sempre com calorosa recepção e sucesso. Muitas de suas composições foram executadas e gravadas pelas mais famosas bandas musicais, por exemplo: a Banda da Força Pública do Estado de S. Paulo, executadas em faculdades de música de Minas Gerais etc. Foi agente da UBC (União Brasileira de Compositores) e representante da OMB (Ordem dos Músicos do Brasil).

Seu nome está eternizado entre os maiores e importantes compositores clássicos brasileiros dos séculos XVIII a XX, figurando ao lado de Heitor Villa-Lobos, Antonio Carlos Gomes, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Walter Burle Marx e outros, na coleção de música brasileira da Biblioteca da Universidade de Akron dos Estados Unidos. O site <http://www3.uakron.edu/bmca/composers> traz essa lista organizada com a assistência do maestro José Vieira Brandeo, do Conservatório Brasileiro do Rio de Janeiro.

Seu exemplo de cristão, de ternura e amor fraterno, envolveu a todos e nos difíceis anos de sua enfermidade, num mundo de materialismo e frieza, contou com os exemplares e emocionantes cuidados, carinho e amor de sua filha a professora e musicista Valderez Maria Labanca, de seu genro João Labanca, de suas netas Nilva e Silvia e de seu eterno amor Maria Rosa. Depois de sessenta e sete anos de feliz união, no seu dizer apaixonado “a vida é bem pequena para tanto amor !”¹, no dia 5 de agosto de 1995, aos oitenta e nove anos, parte para Deus, fonte infinita da sua inspiração. Mas não morre, pois enquanto na face da terra houver um coração batendo em compasso, o vento fazendo música entre ramagens, um pássaro cantando, ele que foi todo amor, todo música, para sempre viverá!

Meus agradecimentos às informações dadas por Valderez, amorosa filha e guardiã de sua preciosa obra.

Acadêmica Leonor Zaparolli Carpi
Cadeira nº 15



1 Carlos Galhardo.

Apoio cultural:

Starrett®



A editora hiper­mídia

www.foxtablet.com.br